

UMBERTO FABBRI

*pelo espírito*

LUIZ CARLOS

# BASTIDORES DE UMA CASA ESPÍRITA



CorreiO Fraterno

© 2018 Umberto Fabbri

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

1ª edição eletrônica: abril de 2021

**Coordenação editorial:** Cristian Fernandes

**Capa / Projeto gráfico:** André Stenico

**Projeto eletrônico:** Joyce Ferreira

**Revisão:** Cássia Anselmo e Gisele Montilha

ISBN 978-65-86480-25-2

**Bastidores de uma casa espírita | Luiz Carlos (espírito); psicografia de Umberto Fabbri.**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Editora Espírita Correio Fraternal

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955

CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP

Telefone: 11 4109-2939

correiofraternal@correiofraternal.com.br

www.correiofraternal.com.br

Vinculada ao  [www.laremanuel.org.br](http://www.laremanuel.org.br)

UMBERTO FABBRI

*pelo espírito*

LUIZ CARLOS

BASTIDORES  
DE UMA CASA  
ESPÍRITA



# SUMÁRIO

[Prefácio](#)

[Reflexões](#)

[Necessidades respeitáveis](#)

[O benefício da saudação](#)

[Tudo ao seu tempo...](#)

[Simple despertar](#)

[Educadores e educandos](#)

[Vigiar os elogios e o orgulho](#)

[Inveja](#)

[Preconceito](#)

[Fascinação](#)

[Maiores considerações](#)

[O bem puro e simples](#)

[As lições continuam...](#)

[Depoimento corajoso](#)

[Charlatanismo](#)

[Nossas responsabilidades](#)

[Conceitos pessoais](#)

[Ditador fascinado](#)

[Atmosfera de amor](#)

[Negligência e desconexão](#)

[Aprofundando conhecimentos](#)

[Recepção confortadora](#)

[Perguntas e respostas](#)

[Informações adicionais](#)

Coração nobre

Ações contrárias

Interessantes constatações

Ajuda-te

Servir com Jesus

# PREFÁCIO

Com o advento do Consolador Prometido por Jesus, as portas da dimensão espiritual se abriram de forma organizada e sistemática, conforme é do nosso conhecimento através de uma infinidade de obras à disposição do estudante interessado.

Por essa razão, nós, os irmãos que fizemos a viagem de retorno à pátria verdadeira alicerçados no conhecimento da doutrina espírita, tivemos a oportunidade de dar continuidade às nossas modestas pesquisas na presente dimensão em que nos encontramos. Assim, não fomos surpreendidos por um plano espiritual desprovido dos aspectos óbvios da vida, aqueles que palpitam em todos os quadrantes do Universo.

Com efeito, as nossas instituições, colônias ou cidades não ficam penduradas no espaço tal como muitos possam imaginar. Em vez disso, o terreno é sólido para a materialidade que envergamos em nosso perispírito, e deverá, ainda, no meu caso pessoal, ser um dos maiores desafios no sentido de galgar degraus evolutivos. A partir dessa experiência, espero poder habitar dimensões mais elevadas em relação ao nosso proscênio terrestre.

Antes, porém, querendo levar um pouco mais de informação para o amigo que lê estas singelas páginas, apresento sucintamente alguns aspectos relativos ao curso que realizamos. Tanto eu como outros colaboradores estivemos envolvidos por cerca de um ano e meio nesse estágio preparatório, cujo conteúdo principal era a especialização em tarefas de atendimento às instituições espíritas no planeta, as quais passam pelos mais diversos desafios diante dos momentos particulares da transição que ora se opera.

A organização que proporciona o mencionado curso encontra-se instalada na colônia Recanto Azul, localizada nas proximidades do Complexo

Hospitalar Bezerra de Menezes, onde tenho a felicidade de atuar como um simples operário do Cristo, em serviço de preparação evangélica para os nossos irmãos que se propõem à reencarnação e conseqüente trabalho voluntário em casas espíritas, visando ao processo educacional dos participantes na função de oradores e expositores.

Foi assim que, tão logo recebemos a aprovação dos responsáveis pela unidade de ensino no Recanto Azul, viajamos até a escola, sendo atendidos por uma simpática senhora, cuja função era a de orientar os novos alunos sobre alguns detalhes dessa nova morada.

Um dos destaques principais foi a informação de que a colônia tem como característica a diversidade religiosa, com templos católicos, protestantes, budistas, evangélicos, instituições espíritas e outras. Em comum, todos os seus habitantes primam pelo exercício do respeito ao próximo, procurando aceitar seus pontos de vista sem dispêndio de energias em discussões infundadas a respeito desta ou daquela vertente religiosa. O estabelecido entre todos relativo à divindade é que Deus não é propriedade deste ou daquele grupo, podendo apenas ser visto por ângulos diferentes.

Assim, deixo para as suas reflexões, caro leitor, um pouco das minhas experiências, tanto na colônia como fora dela, pedindo ao Senhor que nos abençoe no esforço no bem, hoje e sempre!

LUIZ CARLOS



## REFLEXÕES

A CHEGADA NO Recanto Azul foi marcada por um lindo amanhecer. Era o momento em que os habitantes da colônia praticamente despertavam para o início de suas atividades diárias.

Para adentrarmos a colônia, procedemos à identificação necessária num dos dois portões localizados na parte central da alta muralha que a protege. O veículo utilizado por nós e dirigido por um dos nossos competentes motoristas do Complexo Hospitalar Bezerra de Menezes levou-nos até a instituição onde ficaríamos, eu e dois outros companheiros, que também foram selecionados para participar do programa estabelecido pelo curso preparatório de atendimento às casas espíritas.

Ao desembarcarmos, surpreendeu-nos o tamanho do edifício: apenas quatro andares, porém, bastante extensos. Adentramos e fomos logo recebidos por uma simpática jovem, que já estava de posse das nossas inscrições. Apresentando-se, informou-nos ser a responsável por nos acomodar nos quartos e por nos fornecer os esclarecimentos iniciais.

Após cada um de nós depositarmos os nossos pertences nos confortáveis quartos preparados para os alunos da nova turma, fomos levados a conhecer a instituição num passeio de primeira visita. A grandeza da construção lembrava um dos vários prédios do Complexo, no qual trabalhávamos desde a nossa partida da esfera física, há cerca de cinco anos.

Enquanto caminhava pelos vastos corredores observando salas e turmas em treinamento, refletia sobre o proveitoso período em que vivi no Complexo Hospitalar. Ocorreu-me que eu não tinha, de fato, visitado muitas colônias... Tivera a oportunidade de conhecer apenas uma outra, porque decidira aproveitar os meus quinze dias de férias anuais em cursos de especialização voltados às minhas atividades como enfermeiro, profissão que já abraçara quando da minha estada no prosaico terrestre. Aliás, isso me proporcionou uma das reencarnações de maior significado, quando pude servir também voluntariamente num dos hospitais espíritas que ficava localizado próximo à cidade onde tive a oportunidade de nascer e de viver por setenta anos, vindo a desencarnar por pneumonia, após uma breve internação.

Não me casei nem tive filhos, em virtude de a minha programação nessa mencionada existência estar completamente voltada para a prática da assistência ao semelhante, o que acredito ter realizado com razoável sucesso, apesar dos deslizes naturais de um espírito em evolução.

Apurei, depois do meu desencarne, que eu já praticara a enfermagem nas últimas duas existências terrenas, visando ao acréscimo da minha sensibilidade no relacionamento com o próximo, uma vez que por mais de uma encarnação, cansado dos erros que costumava atribuir a terceiros, procurei me isolar, tornando-me um ermitão. Escolhi, assim, viver longe da sociedade, a fim de não me influenciar pelos seus hábitos perniciosos.

Hoje vejo o quanto o tolo isolamento me custou... Perdi meu tempo e várias oportunidades, porque, agindo daquela maneira, somente pratiquei o egoísmo puro, não beneficiando os meus semelhantes em coisa alguma, além de não me beneficiar das bênçãos do trabalho.

Mas graças ao bom Deus esses enganos, pelo menos estes, na ocasião em que narro agora, já faziam parte do passado, servindo-me de alerta quanto à minha negligência frente à vida, querendo fugir dos compromissos evolutivos. Devo muito aos mentores amigos, por terem me auxiliado sempre, e à 'dor educadora', que me despertou do monoideísmo egóico.

A realidade é que, se eu não havia feito mal a alguém nas décadas de isolamento em cada uma dessas existências, também tinha descuidado do bem, permitindo que o mal ganhasse espaço. No final, não havia construído

coisa alguma em meu favor e pior: quando me conscientizei a respeito da minha completa indiferença pelos valores espirituais, a dor me visitou. Portanto, tenho hoje a certeza de que o sofrimento moral é pior do que as longas e complicadas enfermidades implantadas no nosso organismo.

Todavia, os tempos agora eram outros e, para aquele que atenta para a realidade da vida, ela de fato se transforma, apresentando chances de mudança em sequência. Valendo-me de uma expressão simples de um escritor espírita que tive a oportunidade de conhecer na dimensão em que estagio atualmente, o nosso nobre Herminio Corrêa de Miranda, confirmo o importante ensinamento: “ser bom é ser inteligente!”



## NECESSIDADES RESPEITÁVEIS

A VISITA TRANSCORREU de forma rápida a partir do momento em que recebemos as informações preliminares. Fomos convidados, então, a nos reunir aos novos alunos que fariam parte da nossa sala, perfazendo um total de quarenta e cinco componentes.

Breno e David, meus amigos do Complexo Hospitalar, e eu fomos apresentados a cada participante, além dos nossos professores, num total de cinco, cujas especialidades variavam: dois psicólogos, um médico e duas freiras.

Sabendo, de antemão, que eu poderia ter os pensamentos devassados por algum daqueles instrutores, procurei não dar seguimento à minha curiosidade sobre o fato de duas freiras estarem participando de atividades ligadas diretamente às casas espíritas. Não que isso representasse um problema, porque, na instituição que eu frequentara quando da minha última experiência no planeta, tivera a oportunidade de conhecer um sacerdote que estudava, em grande profundidade, a codificação e demais obras complementares, sendo um exímio conhecedor das Escrituras, aliando-as às instruções espíritas.

Porém, não demorou para que eu fosse abordado por uma das freiras, de

nome Maria, que de mim se aproximando logo após as apresentações, disse-me em caráter informal:

– Meu caro Luiz Carlos, percebi uma ponta de curiosidade tua em relação ao fato de continuarmos, tanto eu quanto a irmã Josefina, a envergar o traje de freiras católicas mesmo depois de desencarnadas.

– Não posso negar, irmã, que apesar de ter vivenciado situação semelhante com um sacerdote, embora ele não usasse sua vestimenta sacerdotal fora dos serviços da paróquia, o fato tenha despertado em mim uma ponta de curiosidade.

– Esta curiosidade é natural, Luiz Carlos; contudo, as experiências que tivemos como freiras foram de tamanha importância para o nosso quadro evolutivo que mantivemos esta definição perispiritica depois do desencarne, incluindo os trajes. No fundo, eles nos servem de recordação do nosso compromisso com Jesus e com os irmãos da nossa igreja, os quais procuramos assistir em geral quando se encontram desdobrados do corpo somático, através do sono natural. Surgir para um católico durante o seu desdobramento envergando os trajes e a estrutura que lhe são conhecidas torna o diálogo e o atendimento muito mais efetivo.

– Interessante... Nunca havia pensado nisso, minha irmã. Entendo, agora, tratar-se de um procedimento especializado.

– Exato! Quantos de nós não mantemos total dependência arquetípica relativa aos cultos, às posturas, enfim, à necessidade de materializar esta ou aquela terapia?

– Você tem razão... Apenas como simples exemplo, recordo-me que na nossa casa espírita, quando falávamos em passes coletivos, sempre ouvíamos alguma reclamação de um ou de outro assistido questionando o valor da operação.

– E as cirurgias espirituais, Luiz Carlos? Se o médium por vezes não adotar certos procedimentos, que sabemos ser completamente desnecessários, o assistido tende a se neutralizar diante do auxílio, impedindo, na maioria das vezes, que os benefícios sejam alcançados.

– Sem contar os apegos, completamente respeitáveis em relação a imagens, objetos de uso pessoal e tantos outros recursos que ainda necessitamos, não, irmã?

– Conforme você disse, completamente respeitáveis, porque, dentro do processo evolutivo, o que sempre importará é o que fazemos e não o que fomos ou o que aparentamos ser, incluindo aí qualquer necessidade de culto, vestimenta ou de outro adereço que atribuamos importância. Recordemos Jesus diante do seu primo João, o batista, no importante diálogo travado entre ambos e registrado em Mateus 3:13-15: “Então veio Jesus da Galileia a João, junto do Jordão, para ser batizado por ele. João opunha-se-lhe, porém, dizendo: ‘Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?’ Jesus, respondendo-lhe, disse: ‘Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça’. Então ele o permitiu”. Veja, então, Luiz. O que fazia o Mestre senão respeitar as necessidades das criaturas em sua fase evolutiva, a de verdadeiras crianças espirituais?

– Que, aliás, irmã, ainda somos, falando obviamente por mim...

Ela gentilmente sorriu e, em seguida, solicitou permissão para se retirar, a fim de atender outros alunos que estavam ansiosos para lhe questionar sobre aspectos relativos ao curso.

Olhei significativamente para os meus amigos do Complexo, quando David completou:

– As lições já estão sendo apresentadas sem que as aulas sequer tenham se iniciado, não?

Sorri meio sem jeito e ative-me somente a responder com uma expressão muito comum entre nós:

– Pois é, não dá sequer para pensar e somos logo descobertos...



## O BENEFÍCIO DA SAUDAÇÃO

ALGUNS MINUTOS SE passaram quando ouvi uma voz conhecida me chamar pelo nome. Virei-me na direção e pude notar um jovem alto que me dirigia um olhar amistoso. Em vão puxei pela memória para saber de quem se tratava. Mas ele não se fez de rogado e, estendendo a sua destra, falou:

– Como tem passado, senhor Luiz Carlos?

– Bem... Sem o ‘senhor’, por favor! E você, tudo bem?

– Creio que não se lembra de mim. Sou Genivaldo, o faxineiro do prédio onde o senhor, digo, ‘você’ residia.

– Genivaldo? Minha nossa, como você rejuvenesceu! Confesso que eu não consegui reconhecê-lo, tamanha a diferença!

– É a beleza da vida, Luiz Carlos. A mente dinâmica produz maravilhas na organização perispirítica, tanto no rejuvenescimento quanto na manutenção dos aspectos que envergávamos no corpo somático; sem falar, ainda, de casos outros, conforme temos a oportunidade de observar na nossa dimensão, tais como envelhecimento, melhoria ou deformações da organização sutil.

– Noto que você anda estudando por aqui, meu amigo...

– Na realidade, sempre estudei muito. Vivi grande parte das minhas três experiências confinado em laboratórios de pesquisas ou em salas de aula, procurando auxiliar no desenvolvimento da ciência médica. Graças à

bondade do nosso Pai Criador, não posso reclamar dos resultados alcançados, que me permitiram a continuidade dos estudos e das atividades voltadas para o maior conhecimento das estruturas corporais nos dois planos da existência.

– Pelo que vejo, você é um grande especialista em pesquisas da organização perispirítica e somática...

– Eu não diria ‘grande’, porém, tenho me esforçado...

– Desculpe a curiosidade ou a indelicadeza da pergunta, Genivaldo, mas não consigo alinhar as experiências de um pesquisador e professor com a tua última existência...

Ele sorriu com espontaneidade e me respondeu:

– Absolutamente, Luiz Carlos, não é de maneira alguma indelicadeza da sua parte. Aliás, estava esperando por essa pergunta; até porque alguns amigos ou alunos do meu passado relativamente recente também demonstraram interesse nesse particular.

Embora a minha carreira em três momentos distintos, ou melhor, em três reencarnações sucessivas tivessem sido bem-sucedidas, a verdade é que alguns aspectos importantes para o meu desenvolvimento como espírito não foram devidamente exercitados, deixando uma espécie de lacuna no meu íntimo.

– Genivaldo, perdão pela interrupção, porque agora a coisa toda se complicou. Não estou entendendo bem...

– Talvez eu não esteja sendo suficientemente claro, mas tentarei melhorar a minha explanação. Gradativamente, o espírito vai alcançando patamares de evolução que sabemos ser, por vezes, incompletas, quando consideramos que necessitamos conquistar a sabedoria e aprender a amar com equilíbrio perfeito. A própria codificação espírita é objetiva em relação ao nosso processo evolutivo, ensinando que nem sempre essas mencionadas conquistas encontram-se alinhadas.

Pois bem; considerando o patamar no qual nos encontramos, eu necessitava praticar a humildade. Não que eu tivesse me desestruturado diante das conquistas realizadas permitindo que o orgulho ou a vaidade se transformassem em enfermidade crônica, apesar de estarem presentes em mim.

– Por que não dizer em todos nós, Genivaldo?

– Sim, tendo a concordar... Mas, voltando a responder o seu questionamento, na existência modesta e no trabalho simples que executava, sempre com muita dedicação, pude melhorar-me muito pouco, diga-se de passagem. De todo modo, procurei cumprir as propostas que fiz na minha programação reencarnatória. Nasci em berço de extremada pobreza e tive o trabalho por companhia desde cedo. Minha família era grande, vários irmãos e irmãs, sendo eu o mais velho.

Com esse cenário, pouco estudei, pois precisava auxiliar na renda familiar. Apenas aprendi as primeiras letras e logo tive de abandonar a escola, que era a minha paixão, para me dedicar ao serviço em tempo praticamente integral, já que eu abraçava dois empregos para levar um pouco mais de recursos para a minha mãe e meus irmãos, uma vez que o meu pai desencarnou muito cedo, vitimado por acidente na construção do edifício onde trabalhava. Bem, se por um lado eu não estudei, por outro, procurei estender essa bênção aos meus irmãos, que decidiram abraçar a sagrada oportunidade do esclarecimento e preparação e acabaram sendo bem-sucedidos em suas vidas.

Em relação a mim, pelos padrões do planeta quanto à faixa etária, minha existência foi relativamente curta, porque desencarnei com trinta e oito anos, logo depois de mamãe, porém, com a felicidade de ver meus irmãos e irmãs todos encaminhados.

– Genivaldo, você não se abatia com tantas dificuldades financeiras?

– E dava tempo, Luiz Carlos? Eu trabalhava de segunda a sábado, e aos domingos fazia um servicinho extra, carregando sacolas para os clientes de uma feira num bairro próximo de onde eu morava para conseguir alguns trocados e levar um pouco de legumes e verduras para casa. Também contei com a generosidade de pessoas bondosas como você, por exemplo, que me auxiliavam quando podiam, com roupas e calçados usados ou algum alimento. Isso acabava minimizando as dificuldades que a minha família experimentava.

– Generosidade, Genivaldo? Sendo sincero, eu nunca fiz nada de que possa me enaltecer. Meu Deus, quem dera...

– Você fez mais do que imagina, Luiz Carlos.

– Ora, meu amigo, o que eu fiz para merecer essa consideração da sua parte?

– Cumprimentava gente simplória como eu e procurava saber um pouco das nossas vidas. Você não calcula o que é ser ignorado pelas pessoas que passam e sequer prestam atenção em quem esteja realizando um serviço sem maiores qualificações em relação a cursos técnicos ou universitários... Receber um cumprimento ou a atenção por alguns minutos representava para mim uma verdadeira injeção de ânimo, por saber que eu não era uma ‘criatura transparente’, pelo menos para alguns pouquíssimos moradores.

– Jamais eu poderia imaginar o bem que uma simples saudação pudesse fazer ao semelhante...

– Você não calcula, Luiz Carlos... Por exemplo, quando desejamos um bom dia, colocando os melhores sentimentos nas palavras, transferimos energias poderosas para o nosso próximo, vitalizando a sua estrutura psicofísica. Uma verdadeira sessão fluidoterápica se processa, beneficiando tanto aquele que emite quanto aquele que recebe.

– Um simples cumprimento, Genivaldo?

– E não? A palavra tem o poder de carrear o amor ou o ódio, conforme sabemos, construindo ou destruindo o que demorou às vezes séculos para ser conquistado. O que fizeram os ditadores com os seus discursos cheios de ideologia barata? Graças a Deus, sempre tivemos as boas almas que rebateram não somente com palavras, mas também com a prática do amor, os pontos que serviriam para o desvio evolutivo da humanidade.

Por isso, meu amigo, precisamos valorizar aquilo que falamos, para que sejamos sempre instrumentos do bem. Qual o recurso utilizado por Jesus antes mesmo de qualquer atitude curadora em favor dos enfermos ou dos deficientes? Como um Mestre que é, valia-se da palavra para a educação do espírito.

Eu estava boquiaberto com o que ouvia daquele que para mim, pelo menos na última existência, não havia sido mais do que um simples faxineiro. Curioso, não resisti e lancei-lhe mais uma pergunta:

– E qual é a tua atividade principal atualmente?

– Sou um dos responsáveis pela imersão na parte prática dos estudos que são realizados pelos novos alunos da nossa instituição. Dirijo um grupo de

trabalho em visita às casas espíritas, procurando suportar as áreas voltadas para o ensino do Evangelho.

– Segundo percebo, provavelmente nós, os novatos, ingressaremos na sua equipe quando for oportuno.

– Nós procuramos fazer um rodízio. A princípio, cada turma iniciará junto aos professores que forem designados para atendê-las; porém, em certo momento, será uma honra trabalharmos juntos!

– Tenha certeza, Genivaldo, que a honra será toda minha!



## TUDO AO SEU TEMPO...

ASSIM QUE GENIVALDO se despediu fraternalmente para dar continuidade à integração com outros alunos, comentei com os meus companheiros do Complexo Hospitalar:

– Nós não temos a mais vaga ideia de como a caridade deva ser aplicada, não?

– Tem razão, Luiz Carlos. Quem diria que uma simples saudação representasse tanto para uma pessoa, fazendo verdadeira transferência de energias positivas?

– Concordo com vocês! – assentiu Breno. – Impressionou-me fortemente essas considerações, porque muitas vezes eu presenciava, na empresa onde trabalhava, funcionários responsáveis pela limpeza ou mesmo aqueles que faziam a segurança do local passarem completamente despercebidos. Achei incrível a observação do Genivaldo referente a ‘criaturas transparentes’. Que lição!

– Às vezes, sequer notamos que podemos estar diante de espíritos nobres que momentaneamente se apresentam em posições simples, no exercício de funções que são consideradas, de maneira cruelmente preconceituosa, voltadas às pessoas ditas desclassificadas, sem preparo e até mesmo inferiores. Recordo-me de ter lido numa obra que, dentre uma infinidade delas, comentava a respeito de Francisco Cândido Xavier. Dizia que ele

iniciou os seus trabalhos na Fazenda Modelo, em Pedro Leopoldo, no estado de Minas Gerais. Começou como faxineiro, para depois ser promovido a escriturário, aposentando-se nessa função após longa carreira.

Breno, tomando a palavra, deu seguimento:

– Quem poderia dizer, Luiz Carlos, que por trás de um homem simples, que teve o seu primeiro par de sapatos aos dezessete anos de idade, encontrava-se um espírito elevado, com uma missão tão importante que, associado aos mentores espirituais, daria continuidade aos trabalhos do codificador?

– É o preconceito vai tão longe – completei – que avaliamos pessoas pela vestimenta, posição na sociedade, pelo endereço, restaurantes frequentados, carro que possua ou viagens realizadas em período de férias, entre outras coisinhas mais.

– É melhor mudarmos de assunto, Luiz Carlos, porque daqui a pouco os nossos professores vão acabar pedindo que retornemos ao Complexo por causa das nossas línguas afiadas – concluiu David em tom de brincadeira.

O meu colega praticamente não tinha encerrado a frase, quando um dos professores se aproximou sorrindo e, estendendo a destra, apresentou-se informalmente:

– Olá, amigos! Vejo que estão animados para o início do curso. Saibam que é uma satisfação enorme termos irmãos nossos do Bezerra de Menezes, instituição onde tive a oportunidade de servir por mais de trinta anos.

Breno, adiantando-se, gentilmente questionou:

– Seu nome, senhor?

– João Carlos!

– O senhor trabalhava exatamente em que área do Complexo?

– Fui responsável por uma das unidades de emergência para recém-desencarnados por acidentes, principalmente por armas de fogo.

– Doutor João Carlos, desculpe não me recordar do senhor, porque, se não estou equivocado, cheguei a ver uma foto sua no quadro dos trabalhadores mais destacados na unidade mencionada; porém, agora, não fiz a devida ligação...

– Ora, Breno, não se preocupe com esses detalhes sem importância... Deixemos o formalismo de lado, porque estamos entre irmãos interessados na mesma causa: o bem maior. A propósito, qualquer homenagem à minha

pessoa é pura e tão somente em virtude da extrema bondade dos irmãos do Complexo, porque não me sinto merecedor dela. O simples fato de servir naquela casa de amor já é uma bênção inigualável para a nossa evolução.

– É um fato, doutor. Posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro, quantas você, ou melhor, vocês quiserem, já que estamos num momento de integração.

– Não estamos usando qualquer identificação; no entanto, o senhor mencionou o meu nome de imediato. Creio que as inscrições devem conter nossas fotografias ou algo assim, não?

O facultativo sorriu e respondeu:

– Não é necessário... Com o tempo, todos os alunos serão treinados nesta faculdade, posto que é no perispírito que estão estampadas as informações básicas de todos nós. Um dia esse terreno do conhecimento será ampliado também no planeta e constataremos que a aura de qualquer indivíduo diz mais a respeito dele do que se poderia suspeitar.

Nós três ficamos boquiabertos com a informação. Por minha vez, decidi me manifestar:

– Quer dizer que somos verdadeiras telas ambulantes, expondo as informações mais comuns, doutor?

– Não é simplesmente o ‘querer dizer’; é constatação pura para todos nós, desde quando a doutrina dos espíritos apresentou, de forma clara e abrangente, as faculdades do espírito mencionadas por Jesus várias vezes, diretamente até, no “podeis fazer tudo que faço e muito mais”. Por essa, entre outras razões, precisamos trabalhar a nossa evolução integral, porque o dia que amarmos e tivermos sabedoria na mesma proporção, não teremos de nos esconder em corpos pesados que procuram encobrir aquilo que mantemos no nosso íntimo.

– Será o caso de superação das nossas responsabilidades por termos agredido o direito do semelhante e o nosso particularmente, entre culpas e frustrações as mais diversas, não, doutor?

– Com certeza! E aí a nossa luz brilhará tal como o recomendado pelo nosso Senhor e Mestre, conforme registro completo em Mateus 5:16: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.”

- Espero sinceramente, doutor, que realmente possamos um dia ser guias e não apenas guiados.
- Tudo ao seu tempo, Luiz Carlos, tudo ao seu tempo...



## SIMPLES DESPERTAR

MANTIVEMOS MAIS ALGUNS contatos com os nossos colegas de turma; um deles, especialmente, chamou a nossa atenção pelo inusitado do assunto.

Tratava-se de Albertino, por quem simpatizamos de imediato, tanto eu como os amigos do Bezerra de Menezes, pela vibração simples e, ao mesmo tempo, profundamente amorosa, transmitindo confiança e alegria.

Albertino nos contou que tinha sido membro de igreja ortodoxa na sua última existência, preparando-se agora com maior aprofundamento no conhecimento do espírito, para reencarnar novamente e continuar participando do mesmo agrupamento.

Não consegui administrar a minha curiosidade e questionei:

– Pelo que conheço dessa nobre religião, a comunicação com espíritos, bem como a reencarnação, não são aceitas. Estou correto na minha observação?

– Está! As comunicações seguem a rotina de uma interpretação inadequada do Velho Testamento, num texto atribuído a Moisés alertando para que a vulgaridade nos contatos com espíritos não seja o ponto de interesse de quem quer que seja. Além disso, as condições mais óbvias do processo evolutivo costumam ser veementemente descartadas, tendo por base o conceito de ressurreição, da volta do espírito para o cadáver.

– Sendo assim, Albertino, como alterar conceitos tão profundamente

enraizados nas mentes desses nossos irmãos sem agredi-los?

– Você se expressou corretamente, Luiz Carlos, porque não podemos agredir o nosso próximo com a desculpa de estarmos levando a verdade, por mais que ela seja patente no processo evolutivo. Conforme sabemos há milênios, sobreviver ao corpo em dimensão paralela e manter contato com os nossos entes queridos, ou mesmo reencarnar, não são vinculações religiosas ou crenças deste ou daquele grupo; antes, fazem parte da dinâmica evolutiva, quer aceitemos ou não, é da lei.

Falando por mim, não que me atribua qualidades missionárias, porque estou muito longe disso, essa minha presença junto aos irmãos mais arraigados na crença visa a um sutil despertar da razão, com regularidade desse trabalho tanto no terreno planetário como na dimensão na qual nos encontramos recentemente, porque comunidades existem por aqui mesmo, no Recanto Azul, que descartam qualquer possibilidade relativa aos assuntos que estamos tratando no momento. O processo se dá não apenas através das ideias, mas do exemplo, pois quando trabalhamos no campo do bem, propiciamos a influência. Desta forma, vamos lançando as sementes dos pontos mais importantes a serem observados.

O Breno tanto quanto o David estavam atentos ao diálogo. Foi Breno quem pediu a palavra:

– Albertino, fazendo uma pequena analogia, seria o mesmo que alterar o rumo de uma conversa?

– Posso ilustrar, meu caro! – respondeu o novo amigo. – Quando alguém do nosso relacionamento apresenta considerações desfavoráveis a respeito desta ou daquela pessoa, apontando-lhe apenas os defeitos, podemos ter posturas distintas da maledicência diante da conversação, não é?

– Sim, concordo com você, Albertino, podemos silenciar a respeito ou aceitar de bom grado o que está sendo dito, inclusive reforçando os pontos.

– Contudo, temos uma terceira via que poderá ser utilizada, sem causarmos uma infundável discussão.

– E em sua opinião, de que forma podemos fazer isso? – perguntou desta vez David.

– Com a razão, levando o interlocutor ao uso do raciocínio, que é conquista de todos nós no estágio evolutivo em que nos encontramos

atualmente. Essa técnica não é novidade; foi utilizada por Jesus em questionamentos simples e objetivos. Poderíamos utilizar, com a pessoa que nos traz apenas apontamentos negativos a respeito da vida do semelhante, essa mesma tática, questionando-a, com muita cautela, obviamente, com uma frase como esta, por exemplo: “O amigo, parente ou apenas conhecido ao qual você se refere não tem nada de bom?”

– Mas esse tipo de questionamento não poderá estimular comentários mais desairosos daquele que procura apenas enxergar problemas nos outros?

– Poderá sim, David; todavia, buscando a inspiração dos mentores amigos durante o relato que está sendo oferecido, para que a nossa intervenção não gere apenas uma pura e simples discordância, estaremos sendo veículos do bem, servindo ao Senhor como pequena ferramenta de luz, dando início à terapia que vai despertá-lo do círculo vicioso em que o nosso irmão inconsciente se encontra. Note que eu disse: estaremos iniciando o trabalho, que vai se solidificar com o passar dos anos, décadas ou, por vezes, séculos. Às vezes, basta que sejamos alertados sobre determinadas posturas que estavam completamente automatizadas em nós para que, nas próximas oportunidades em que ela se manifeste, tenhamos racionalmente a atenção voltada para aquele aspecto a ser corrigido. É algo como o vício de linguagem: nos apoiamos em certas palavras para dar continuidade a uma frase, que passa a se constituir numa desagradável repetição para aquele que nos ouve. O que ocorre quando somos alertados a respeito?

– Bem, se estivermos realmente interessados, passamos a nos observar – completou David.

– Sim, caso contrário, David, não podemos olvidar que o registro já se encontra na mente do nosso irmão. Demore o tempo que for, um dia lhe será útil.

E dirigindo-se a nós três, Albertino perguntou:

– Entendem, agora, como procuro realizar essa simples tarefa junto aos meus irmãos de crença?

– Não poderia ser mais claro, além de verdadeiro. Utilizando-me da missão de Jesus, ele não nos impôs coisa alguma relativa ao Evangelho; apenas nos despertou para a realidade da vida – disse por minha vez.

– É assim que a vida trabalha em nosso favor, Luiz Carlos, nos despertando

– concluiu Albertino sorrindo.



# EDUCADORES E EDUCANDOS

ENCERRADAS AS APRESENTAÇÕES, fomos liberados para arranjarmos os nossos poucos pertences nos quartos que nos foram reservados na instituição.

Eu e os meus amigos tratamos de urgenciar a arrumação e aproveitar a ocasião para conhecer um pouco mais do Recanto Azul, cuja beleza era realçada por sua simplicidade.

Pequenos edifícios, com no máximo quatro andares cada, abrigavam as unidades administrativas. Escolas e templos, sempre primando pela singeleza e bom gosto, além de jardins muito bem cuidados, faziam parte das pequenas ruas e praças.

O ‘azul’ no nome da colônia se referia ao primeiro templo que fora construído no local, uma dimensão umbralina próxima à crosta planetária, onde cristãos, com fundamentos reencarnacionistas e de origem batista, o erigiram há mais de trezentos anos, procurando atender irmãos nossos que desencarnavam completamente desorientados e se encontravam circulando pela região.

Na pequena construção localizada na praça central da colônia foram usadas algumas partes de material translúcido no teto para facilitar a iluminação natural no seu interior. Segundo informações à disposição nos

registros abertos aos visitantes, no primeiro culto realizado para louvarem o Criador, uma luminosidade intensa vinda do mais alto em fachos concentrados preencheu completamente o interior do templo na coloração azul-prateada, transformando-se num espetáculo inesquecível, ao mesmo tempo em que energias balsamizantes envolviam todos os presentes.

David, o mais sensível do trio, deixou-se enlevar naquela atmosfera saudável, cujas mentes que lá adentram com o propósito de agradecer ao Nosso Pai imantam todo o ambiente positivamente. Emocionou-se, então, levando-nos também a derramar lágrimas discretas num verdadeiro processo de contágio no bem.

Tivemos a oportunidade, também, de conhecer o zelador do local, o senhor Ubirajara, uma criatura que transpirava bondade. Ele nos informou que o pequeno templo havia ganhado características ecumênicas, sendo um ambiente apropriado para a reflexão e a meditação de todos que por ali passavam. Era, enfim, um local perfeito para o refazimento ante as atividades diárias, tanto é que suas portas ficavam abertas vinte e quatro horas por dia.

Outra visita aconteceu no parque central, onde a vida palpitava na natureza, encantando o maravilhoso espaço.

Para nós do Bezerra de Menezes, o Recanto Azul era, em dimensão, maior do que o nosso Complexo, fazendo com que tanto o assistido como os trabalhadores das suas mais diversas unidades pudessem estabelecer um contato permanente com a maravilha da criação.

Desta vez foi o Breno que, tocado pela beleza diante de um jardim de flores silvestres que emanavam um perfume suave e profundamente agradável, nos convidou para uma prece. Assim procedendo, pudemos observar que enquanto orávamos mentalmente, a natureza parecia responder ao nosso cântico de gratidão, porque no lugar onde nos encontrávamos fez-se um silêncio respeitoso. Deu-me, particularmente, a nítida impressão de que os pequenos animaizinhos, em especial os pássaros, nos acompanharam, parando por instantes a movimentação e os cânticos.

Estendemos um pouco mais a nossa excursão entre as residências da colônia, quando pudemos observar algo semelhante ao que acontece no Complexo Hospitalar ao encontrarmos pessoas pelas ruas. Todas elas, sem

exceção, nos saudavam com um cumprimento breve, porém, envolvido em profunda sinceridade e não apenas para cumprir uma formalidade. Recordamo-nos e comentamos as lições que tínhamos praticamente acabado de receber do nosso querido Genivaldo quanto ao valor da saudação.

David, sempre atento, observou:

– Pois é, amigos, nada é por acaso; uma lição sucede a outra de forma simples, mas efetiva. Basta que prestemos a devida atenção aos momentos mais comuns da vida para vermos o Criador agindo através da criatura. Todos nós, dentro do relacionamento familiar ou em sociedade, estamos na condição de educadores e educandos.

– Concordo, David. Se nós quisermos, esse dia haverá de chegar no tempo mais breve possível – disse Breno.

Por minha vez, endossei:

– Gostei da sua colocação, Breno: se nós quisermos! Porque geralmente dizemos: se Deus quiser. Ora, Ele sempre quer o nosso bem; nós é que precisamos nos conscientizar e agir, para que o amor se materialize nas nossas relações.



# VIGIAR OS ELOGIOS E O ORGULHO

A NOSSA PRIMEIRA semana de aula foi, para todos os alunos que compunham a sala, extremamente gratificante. Pudemos fazer uma revisão de vários pontos das obras básicas da codificação, sendo complementados, nos itens mais debatidos, com observações e estudos de vários outros autores, alguns deles ainda desconhecidos pelo público espírita no planeta.

Um dos assuntos tratados que mais chamou a atenção, de um modo geral, foi o da preparação para os trabalhos que seriam realizados junto à área de ensino de vários centros, localizados tanto na crosta planetária quanto na dimensão à qual nos encontramos. O foco central esteve voltado para os voluntários que se candidatam ao trabalho de exposição da doutrina nos cursos regulares.

Breno, o mais jovem da turma, foi o nosso mestre questionador junto à professora Maria, a qual nos brindou com explicações vazadas de extrema objetividade. Uma de suas primeiras perguntas foi quanto aos agradecimentos e elogios realizados aos expositores por parte dos educandos.

Maria, com sua forma meiga de se apresentar, orientou-nos a respeito

dizendo:

– É evidente que todos nós somos gratos àqueles que nos trazem a luz do conhecimento, principalmente quando voltados à nossa realidade como espíritos, no sentido de nos conhecermos e, com isso, aproveitarmos a existência terrena além dos interstícios, realizando esforços rumo à evolução.

Nesse particular, compreendemos que ao expositor, orador ou professor, seja lá a denominação que queiramos empregar, apesar de sermos em verdade, todos nós, estudantes na escola do Cristo, caberá a tarefa de vigiar-se e orar sempre, pedindo forças para não vacilar diante da tentação do elogio e do orgulho. Aliás, essa observação é do próprio codificador, quando nos orienta a não ‘elogiar médiuns’, o que poderemos estender para qualquer servidor do Evangelho, porque o trabalho, conforme sabemos, é de Jesus e dos seus mensageiros.

Não descartaremos, obviamente, o agradecimento sincero, fruto da educação, quando conveniente, porque não somos criaturas desprovidas de sentimento e frias em relação ao semelhante que opera ao nosso lado, no sentido de oferecermos o melhor para aqueles que buscam o consolo e a orientação. Contudo, o que salientamos é o perigo de nos deixarmos envolver pelo sabor suave e doce do excesso, através das palavras ou atitudes daqueles que precisam de orientação e que, por necessidade imediata ou de médio prazo, procuram encontrar no voluntário da casa espírita um modelo, fazendo na maioria das vezes uma projeção de admiração exagerada, chegando até mesmo à idolatria. Essa atitude é típica das necessidades que se apresentam nos instantes de sofrimento ou mesmo nos de descoberta de si mesmos.

Posso usar um exemplo para ilustrar o que estou dizendo. Acompanhei, em certa ocasião, numa instituição espírita, um fato interessante. Uma grande quantidade de mães, que havia experienciado o desencarne dos seus filhos, transferiam para um jovem orador as características dos seus rebentos desencarnados, encontrando, no rapaz em quem projetavam, a figura dos filhos, acreditando até mesmo em uma semelhança física.

– Significa dizer, professora, que vemos ou projetamos aquilo que nos interessa em pessoas e situações? – perguntou Breno.

– Muitas vezes podemos fazê-lo, sim. Exatamente por isso, o voluntário incluído nas atividades espíritas deverá estar atento, para não criar dependências nos alunos ou assistidos, causando-lhes, às vezes, decepções, porque todos nós sabemos das nossas imperfeições, que podem decepcionar a qualquer momento aqueles que nos rodeiam. Não será a questão de aumentarmos o nosso rol de amigos, mas a de mantermos a necessária atenção para não criarmos dependentes.

Retornando, então, à importante observação do codificador sobre a questão do elogio, quem de nós estará isento de uma pequena ponta que seja de vaidade? Por isso o cuidado quando eles acontecem. Devemos gentilmente transferi-los para Jesus, o qual, no fim, é o verdadeiro operador. Por nossa vez, precisamos nos portar como ferramentas conscientes dessa realidade.

– Você poderia citar mais algum exemplo que seja do seu conhecimento, professora? – retornou Breno com a sua bateria de perguntas.

– Claro, com prazer! Recordo-me de uma visita que realizei mais recentemente, em que um dos conhecidos oradores da instituição onde nos encontrávamos – diga-se de passagem, um rapaz brilhante em suas palestras, com uma mediunidade bem exercitada, a ponto de permitir aos amigos da nossa esfera inspirar-lhe a palavra fácil e tocada de profunda emoção no sentido de consolar os presentes –, esse rapaz, enfim, foi abordado por uma jovem que lhe fez rasgados elogios. Envolvida, então, pela carência de um relacionamento recém-desfeito, o qual contrariava seus sonhos de moça, quando esperava unir-se ao jovem do qual fora amigo desde a infância, insinuou-se ao orador de maneira discreta, porém sedutora.

– Um verdadeiro e perigoso míssil controlado por espíritos interessados em criar embaraços ao orador, seria isso, professora? – disse Breno tirando sorrisos de todos.

– É possível a interferência de espíritos sim; porém, não nesse caso que acabo de narrar. Seguramente, a efetiva carência e as palavras consoladoras do Evangelho, exaradas com profundo sentimento e lógica pelo orador, levaram a jovem em questão a se sentir amparada, fazendo-a refletir sobre o problema a ser gerenciado, em verdade, por ela mesma.

Mas, para atender a curiosidade de alguns de vocês, a resposta é sim! O

voluntário da palavra sentiu-se momentaneamente atraído pela proposta; porém, buscando o recurso da prece, foi recolocado em seu equilíbrio e passou a ser instrumento de auxílio à pobre moça, através do mentor amigo que a acompanhava, o qual utilizou-se dele como veículo de orientação.

Alguns dos alunos se entreolharam, porque a nossa professora captou as perguntas que tinham sido feitas mentalmente naquele sentido, inclusive por mim, conforme pudemos confirmar depois da nossa aula em comentários entre os colegas.

Ela deu continuidade, informando:

– Temos de considerar que as manifestações dessa natureza estão completamente dentro da normalidade, principalmente no exemplo apresentado, não podendo merecer recriminações de quem quer que seja, porque, em matéria de sexualidade, no estágio evolutivo em que nos encontramos, quem estará isento de ‘cair em tentação’ seja numa ou noutra situação?

O que gostaríamos de salientar é que situações estas ou aquelas poderão ocorrer, mas cabe aí o esforço do autopolicimento de quem esteja sendo veículo do bem, evitando envolver-se com as palmas recebidas, agradecimentos excessivos e elogios dispensáveis, recorrendo sempre ao bom senso da vigilância e da oração, conforme já observamos.

Mais algumas questões foram colocadas e, ao final da aula, saímos com a nítida sensação de que assuntos dessa natureza já nos eram de alguma forma conhecidos, porém, a repetição para a solidificação do aprendizado será sempre importante. É como o Evangelho de Jesus que, estando entre nós há mais de dois mil anos, sendo seus ensinamentos também conhecidos, precisam ser constantemente recordados, para que um dia deixem de ser teoria e transformem-se em prática, ensejando a nossa caminhada evolutiva rumo ao amor.



## INVEJA

NO TOCANTE AO curso, para as aulas teóricas precisamos apenas de doze dias. Assim, na terceira semana, visando à nossa observação em campo, um dos nossos professores, o doutor João Carlos, convidou-nos para embarcarmos rumo a três instituições espíritas.

Nossa turma de quarenta e cinco alunos seria dividida em grupos de quinze participantes cada, monitorados por ele e pelas professoras Maria e Josefina. Objetivando a integração dos participantes, Breno e David foram alocados em grupos diferentes, ao passo que eu fiquei com a turma do nobre facultativo. Embarcamos, pois, todos em um veículo semelhante aos ônibus utilizados no planeta, com uma pequena diferença quanto à sua locomoção, pois esse transporte especial se utilizava apenas do eletromagnetismo, movimentando-se próximo ao piso, estando desprovido, portanto, das rodas tradicionais.

Ao chegarmos ao primeiro centro espírita, por volta das onze horas da manhã, meu grupo desembarcou acompanhando o médico, enquanto os outros dois seguiram viagem.

Tratava-se de uma casa de grande porte, onde a movimentação de estudantes, trabalhadores e assistidos era imensa. Os quadros de avisos demonstravam que as atividades ocorriam durante todo o dia, avançando até as dez horas da noite.

Dirigimo-nos até uma sala identificada como secretaria, onde encontramos reunidos três expositores responsáveis por ministrarem as aulas referentes à doutrina espírita. Um deles comentava a respeito da atividade da manhã, que acabava de ser realizada, e também da sua colega de trabalho.

Doutor João Carlos, fazendo-nos leve sinal, solicitou-nos que apurássemos a nossa atenção aos apontamentos que estavam sendo feitos.

– Vocês dois são uns felizardos, porque estão novamente trabalhando juntos este ano. Quanto a mim, que infelicidade...

– O que está acontecendo, Denílson? – perguntou um deles.

– Todos os anos, sempre me é designado como colega de classe um recém-formado no curso de oradores e expositores. Este ano, a moça que está comigo pode ser muito bonita, mas não sabe nada.

– Talvez seja a inexperiência dos primeiros momentos, porque uma coisa é praticar a exposição em sala com os demais colegas durante o curso, outra é estarmos diante dos alunos, que exigem muito mais de todos nós – disse outro tentando contemporizar.

– Você é sempre um ponto fora da curva, Luca. Aliás, você pensa assim porque não tem de aguentar essas figuras.

– Não é bem assim, Denílson. Nós também tivemos as nossas dificuldades iniciais...

O interlocutor não conseguiu terminar a frase, sendo bruscamente interrompido:

– Era diferente! Saíamos das escolas preparados; hoje, qualquer um pode dar aula nesta casa. Talvez a mocinha tenha se insinuado para o professor do último ano e por isso foi aprovada.

Luca, percebendo a desaprovação de Denílson, procurou encerrar o assunto:

– Que fazer? Bem, amigos, preciso retornar ao escritório para atender um compromisso.

O outro expositor, aproveitando a deixa, também se despediu com palavras cordiais:

– Apesar da aposentadoria, parece que tenho mais trabalho aqui do que na ativa no banco onde eu trabalhava. Vou embora também...

Denílson, um tanto irritado, percebendo que as suas reclamações não

obtiveram o endosso dos colegas, despediu-se a contragosto. Imediatamente o doutor João Carlos orientou a nossa turma para a observação da tela mental do reclamante.

Alguns de nós, inclusive eu, olhamos para o facultativo como a lhe dizer sobre a nossa pouca familiaridade com o processo. O médico, então, com a tranquilidade de quem ensinava há muitas décadas, nos esclareceu:

– Não se preocupem, porque servirei de intermediário, projetando as imagens que estão sendo formadas no campo mental do voluntário que está sob a nossa análise.

Assim, como se eu assistisse a um filme, com características de imaginação, imediatamente passei a receber as informações mentalmente. O nosso professor orientava e, com isso, era possível ouvir o seu próprio timbre de voz, apesar de ele não articular a palavra.

– Em pouco tempo vocês não precisarão deste recurso, porque estarão devidamente treinados para o processo da leitura mental. Observemos!

Imagens eram projetadas, mostrando a jovem colaboradora em aula com os alunos dando mostras de grande interesse em suas observações. Em outra parte, Denílson se posicionava contrariado com a desenvoltura da voluntária, enviando, a esse tempo, energias que precisavam ser anuladas pelo amigo espiritual que a orientava.

Em paralelo, não satisfeito com o que presenciava, porque queria a atenção voltada somente para si, Denílson formava quadros desagradáveis relativos à sexualidade da moça, criando imagens de relacionamento escuso entre ela e o professor que fora responsável pela sua aprovação. Também era possível observar que um segundo amigo espiritual procurava demovê-lo dos pensamentos equivocados e doentios, inspirando-lhe ideias de sustentação em favor da jovem, no sentido da realização do trabalho em benefício deles próprios e principalmente dos alunos, que se mostravam ávidos em querer assimilar as lições.

Nesse exato momento, o doutor João Carlos comentou:

– Notem a atmosfera doentia ao redor do nosso equivocado irmão, que perde a sagrada chance de servir como sustentáculo para a colega com quem divide a sala de aula, promovendo para si mesmo os mais diversos desajustes energéticos por causa da inveja que sente. Em pouco tempo, apesar de todo

o auxílio que recebe da espiritualidade, essas mesmas energias poderão se materializar em alguma enfermidade que acabará neutralizando a sua oportunidade de servir.

Os mentores amigos fazem o possível para manter os colaboradores na ativa, mas nunca desrespeitarão a maneira de eles pensarem ou de se conduzirem. A proteção existe; contudo, é crucial que o protegido faça, por sua vez, um trabalho preventivo, não abrindo brechas mentais de atração de pessoas ou situações que tenham interesse em lhes prejudicar. Não se trata apenas de acendermos uma luz por alguns instantes; é imprescindível que a mantenhamos acesa através do recurso do pensar positivamente. Novamente a observância do ensino do Cristo sobre a vigilância daquilo que estamos emitindo e mantendo no nosso nível mental.

E encerrando a projeção, o facultativo virou-se para o grupo dizendo:

– Não basta nos colocarmos neste ou naquele local cujas propostas são de melhoria moral, crendo que só a simples presença física seja suficiente. É mandatário que disciplinemos os pensamentos para sermos mais um dos veículos de sustentação vibratória no ambiente onde estivermos, beneficiando e sendo beneficiado.

Bem, no que tange a esse espaço, encerramos por aqui. Espero que todos tenham aproveitado as lições que nos foram ofertadas – concluiu o médico.

Todos nós respondemos com um sim e, dessa maneira, fomos convidados pelo facultativo para conhecer as outras atividades da casa que se processavam naquele horário.



# PRECONCEITO

SEGUINDO O NOSSO professor, adentramos a sala de fluidoterapia, onde um número considerável de pessoas recebia assistência após a palestra que era realizada em salão contíguo.

A quantidade de voluntários passistas impressionava, chegando a um número próximo de cinquenta. Além desses, havia o dirigente do trabalho, que realizava a função de recepcionista e encaminhava os assistidos, facilitando o fluxo, procurando acomodá-los da melhor maneira.

O doutor João Carlos, aproximando-se de um dos voluntários, nos orientou:

– Destacaremos este nosso irmão para as nossas observações. Procurem auscultar-lhe os pensamentos. Os que tiverem alguma dificuldade, me procurem, que utilizarei dos mesmos recursos anteriores de projeção mental.

Respirei aliviado, porque não queria perder coisa alguma absolutamente da lição que seria apresentada.

Não demorou para que o facultativo facilitasse os nossos exames. No quadro mental do companheiro analisado, notavam-se imagens desagradáveis em relação ao dirigente. Alguns mentores amigos, responsáveis pela atividade, procuravam a neutralização das energias enfermiças, a fim de que os assistidos que recebiam o atendimento não fossem prejudicados.

Mas, completamente contrário ao propósito da caridade, o infeliz irmão enviava dardos magnéticos, os quais, no entanto, não atingiam o dirigente, pois este se mantinha com os pensamentos elevados, completamente voltados para o serviço do bem com o Cristo. Mas, pela auscultação que realizávamos, constatavam-se com nitidez os pensamentos eivados de contrariedades do equivocado servidor. Dizia ele:

– Onde já se viu permitirem que um dirigente de trabalho fluidoterápico dentro de uma instituição deste porte seja homossexual? Os tempos realmente estão alterando os valores morais! Se a direção desta casa estivesse nas minhas mãos, expulsaria esses elementos das nossas fileiras, por serem maus exemplos para a coletividade.

Não satisfeito em destilar o veneno preconceituoso, deu continuidade aos seus pensamentos desequilibrados:

– Daqui a pouco vão dizer por aí que todos os espíritas são homossexuais. Que absurdo! Será que ninguém nota que esse garoto fica requebrando dentro da sala? Uma verdadeira vergonha! Essa história de caridade é, na verdade, comodismo diante do que deve ser feito. Por desculpa de estar sendo caridoso, cria-se uma tolerância para com esses indivíduos que precisam ser tratados em suas enfermidades.

O doutor João Carlos, neste instante, interrompeu a projeção mental orientando:

– Temos material suficiente para as nossas reflexões. Notem que o pobre irmão perde a sagrada oportunidade de servir, ocupando-se apenas dos objetivos a que ele se propôs, até porque voluntariou-se para a tarefa por opção e não porque foi forçado a realizá-la. Na realidade, sua postura preconceituosa termina por ocupar parte do tempo da equipe espiritual, que precisa isolar as energias emitidas por ele, a fim de evitar a contaminação do ambiente, que é sempre previamente preparado com a higienização adequada em serviço incessante pelo grupo encarregado. É, assim, o tipo de trabalhador que, no final, dá trabalho.

Mais afoito, diante do que eu assistia, não resisti ao questionamento:

– Não seria uma medida profilática o afastamento desse voluntário, doutor?

– O que fazemos com o assistido que apresenta uma tumoração

cancerígena, quando nos encontramos em serviço num hospital? Vamos abandoná-lo à própria sorte? Perceba, Luiz Carlos, que o amigo em questão é um enfermo em potencial, recebendo tratamento de choque na esperança de que mude sua postura frente aos companheiros que apresentam orientação diferente da sua. Além disso, é a oportunidade de despertar para a vigilância dos pensamentos, que são emitidos sem qualquer consideração com a atividade que realiza.

Esses nossos irmãos, que apenas se rotulam de espíritas, não são abandonados pela bondade divina. Em vez disso, receberão terapia conveniente para que o despertar possa ocorrer com o menor grau possível de dor e sofrimento. Tanto ele quanto o nosso companheiro expositor que analisamos há pouco são os enfermos que precisam de médico, conforme observado por Jesus. E por mais incrível que possa parecer, encontram-se

no lugar certo, ou seja, dentro do hospital. Aliás, o fato de trabalharmos dentro de uma unidade hospitalar não nos isenta de enfermidades, não é assim?

– O senhor tem razão, doutor, apesar de o quadro ser extremamente esdrúxulo – concordou um dos colegas que estava extremamente atento.

– Sim, mas nem por isso a misericórdia do Senhor deixará de atuar, principalmente em favor daquele que está gravemente enfermo. Desse modo, a assistência continuará para esses voluntários equivocados, ocorrendo durante o período do desdobramento pelo sono físico, em que determinadas questões serão apresentadas pelos seus mentores a respeito da postura mental em contraste com o serviço a ser realizado.

Recordemos, a propósito, que até entre os apóstolos de Jesus havia certos equívocos de interpretação da sua missão divina. Logo, não será possível exigir que todos os voluntários de uma casa voltada para o atendimento caritativo tenham a sensatez frente à necessidade do próximo e a postura mental do dirigente, alvo das observações amargas do servidor enfermo. Consideremos, ainda, que o nosso irmão, apesar dos enganos do julgamento, é um voluntário para a tarefa de atendimento, o que, por si só, já melhora o seu quadro mental, em percentual diminuto, é verdade, porém, é algo que está sendo levado em conta para que ele seja atendido em suas necessidades.

Outro colega, pedindo a palavra, perguntou:

– Caso o companheiro não altere o seu procedimento em relação ao preconceito que carrega no seu íntimo, o que poderá ocorrer, doutor?

– O ajuste que a vida nos proporciona, meu caro. Se a nossa natureza é divina, ela mesma vai nos colocar diante da própria realidade, corrigindo-nos pela ação medicamentosa da dor. Quanto mais resistirmos em não querer aceitá-la, não alterando o procedimento, mais penoso se torna o processo. O preconceito é a ferida cuja atitude de negligência em reconhecê-la e tratá-la poderá ocasionar a infecção, levando-nos, por vezes, à gangrena e conseqüente amputação do membro lesado. Nesse caso, a oportunidade de continuarmos evoluindo sem as pedras que colocamos no nosso caminho, posto que seremos nós mesmos os responsáveis por removê-las.

Pela lógica das observações de nosso professor, não apresentamos mais perguntas e, como todos silenciaram para refletir sobre os ensinamentos, ele nos convidou para darmos continuidade à visita.



## FASCINAÇÃO

AO SINAL DO doutor João Carlos, o grupo estancou para receber orientações diante de uma sala de porta fechada, em andar decorado suntuosamente. Convenientemente, o nosso guia explicou:

– Trata-se da sala da presidência. Segundo pude observar, ocorre neste momento uma reunião com diretores. Peço que analisem atentamente o que está ocorrendo. Mantenhamo-nos com os pensamentos elevados, para não permitirmos que a vibração venha a cair e, dessa forma, possamos nos envolver mentalmente com os nossos irmãos que aí se encontram.

De súbito, estranhei as recomendações do nosso professor; porém, decidi não levantar qualquer questão para não quebrar a harmonia que reinava entre os estudantes.

Entramos e fomos surpreendidos pelas cenas que se desdobravam inicialmente na nossa dimensão. Entidades desencarnadas, em aspecto infeliz, demonstrando profunda pobreza moral, envolviam os três diretores, que assimilavam por completo as sugestões que lhe eram enviadas. O adensamento dos perispíritos das entidades que ali estavam era tamanho, que sequer perceberam a nossa presença, envolvidas com a participação ativa na reunião, projetando imagens na mente daquele que nos pareceu o presidente da casa, pela postura apresentada, uma vez que os três se encontravam sentados ao redor de uma mesa circular fazendo uma leve

refeição.

Encarnados e desencarnados apresentavam profunda sintonia mental, numa posição clara de mentossíntese. Para que tirássemos o maior proveito possível das lições que se materializavam à nossa frente, o doutor João Carlos auxiliou-nos em paralelo, servindo de intermediário das projeções realizadas pelos participantes.

Um dos presentes, cujo envolvimento era mais acentuado, dizia:

– Eu, como presidente, não posso e não vou deixar que a nossa casa, que tem uma história de sucesso, com mais de cinquenta anos, seja administrada por um bando de arruaceiros que fazem oposição aberta à nossa gestão, sendo inclusive acobertados pela direção da área de ensino, cujo responsável me surpreendeu recentemente, dizendo estar aliado ao grupo nessa eleição que se aproxima. Aliás, o mentor espiritual das nossas tarefas apareceu-me através da clarividência, alertando-me sobre os movimentos opositivos, exigindo que sejam tomadas medidas emergenciais em relação ao que está acontecendo. Creio que possamos ser reeleitos, se levarmos aos membros que compõem o conselho informações de atitudes desonestas do diretor da mencionada área, quanto à questão da compra de materiais para as salas de aula, que ocorreu sem que houvesse licitação.

Aquele que parecia ser o responsável financeiro do centro informou:

– Mas ele poderá se defender, porque as despesas, antes de serem realizadas, são autorizadas pelo meu departamento. Isso pode me comprometer!

O presidente retomou a palavra mostrando certa irritação:

– Você precisa ser mais criativo, meu caro! Os recibos não estão em seu poder?

– Sim, estão...

– Então, algum deles poderá sofrer determinada alteração e ser apresentado como prova. Com isso, conseguiremos eliminar a chapa concorrente.

– Desculpe, presidente, mas existe o risco de nos comprometermos, porque o documento utilizado para a modificação poderá ser questionado junto ao fornecedor – alegou o financeiro.

– Ora, não se preocupe com isso! Escolheremos um deles, que é da minha

confiança e, ao relatar o que está acontecendo, tenho absoluta certeza de que ele nos auxiliará, até porque, como bom comerciante e pelo volume de compras que efetuamos mensalmente, ele não vai querer nos perder como cliente.

Não tendo mais interesse em estender a conversa e utilizando certo tom autoritário, o presidente ordenou:

– Agora, vamos trabalhar, porque o tempo é curto até a eleição!

Nosso professor também orientou para que deixássemos o ambiente. Quando nos encontrávamos no saguão principal do centro, foi aberto um espaço para perguntas:

Um dos meus colegas, demonstrando profundo mal-estar com as cenas que acabara de presenciar, lançou a primeira questão:

– Doutor, que mentor é esse, cujas orientações são voltadas para discórdias e artimanhas?

O médico, com um leve sorriso, respondeu:

– O dirigente espiritual dos trabalhos de fato busca orientar que o nosso irmão, completamente fascinado pelo poder, não tome atitudes descabidas; contudo, ele sequer registra os seus apelos. Quem é visto com frequência, pela clarividência, na verdade, é a entidade obsessora que serve de suporte às ações absurdas que estão para serem levadas a efeito.

Outro rapaz da nossa turma, chamado Manoel, que se encontrava próximo do facultativo, perguntou:

– Doutor, não entendi a relação do que está ocorrendo com os propósitos da preparação, no nosso curso, no que diz respeito à assessoria a expositores e oradores da área de ensino...

O professor, com tranquilidade, respondeu:

– Como pudemos observar até o momento, estamos em visita a uma instituição de grande porte, com inúmeras áreas. Todavia, não olvidemos de que elas não podem funcionar isoladamente. Cada uma depende da outra, tal como um organismo vivo. Verifiquemos que os trabalhadores são formados pela área de ensino antes de ingressarem nas atividades assistenciais. Por sua vez, todas as demais são intimamente ligadas à presidência, cuja posição é a do cérebro no organismo, que deveria dar o direcionamento equilibrado para que as pessoas que vêm em busca de

conforto e instrução não sofram as influências negativas da disputa pelo poder.

Nas nossas observações, partimos do efeito para a causa, pois começamos com as primeiras análises na área de ensino, onde notamos que a inveja serve de base para a maledicência; já na outra unidade, o preconceito serve para a desunião. Todas elas, como vemos, sofrem com a postura inadequada da direção geral, que leva insegurança, permeando a desconfiança e consequente desequilíbrio entre os servidores.

Não pude me conter mais diante de assunto tão relevante e lancei a minha pergunta:

– Mas, doutor, existe algo que possamos fazer? Nós ou os mentores que gerenciam este centro?

– Luiz Carlos, inicialmente precisamos entender que o livre-arbítrio individual e coletivo necessita ser respeitado. Contudo, antes que os nossos irmãos causem maior prejuízo aos trabalhadores e assistidos, ações saneadoras serão levadas a efeito, não no prazo que desejamos, mas sim no momento adequado.

Nenhuma posição de mando que tenha como objetivo o desrespeito ao direito do semelhante apresenta bases sólidas; exatamente por isso, são todas passageiras. Antes desses nossos equivocados companheiros destruam esta instituição, que é fruto de trabalho incansável nos dois planos de existência, eles, tanto quanto ocorreu conosco, desencarnarão. Poderão sim, causar sérios embaraços para as gestões futuras, o que servirá, no fim, como aprendizado para os próximos postulantes aos cargos que hora não são honrados. Mas a casa, como um todo, será preservada pelo amor que a grande maioria dos que aqui trabalham ou são assistidos devotam às suas atividades.

Um exemplo claro disso para todos nós é a própria história planetária que, sendo uma morada, nem sempre nos tem como responsáveis junto àqueles que convivam conosco ou mesmo com a nossa morada em si. Mas de uma coisa tenhamos plena certeza: a Terra não está relegada ao abandono, porque Jesus segue no leme e, assim, quando tudo parece que está se dirigindo para resultados catastróficos, vem o tempo e transforma corações e mentes.

– Bendita seja a reencarnação, porque é o veículo de renovação por excelência, não, doutor? – falou Manoel.

– Sem dúvidas! De renovação e de aprendizado constante; seja pelo caminho do amor ou pelo da dor, seremos todos agraciados pela evolução. Em relação ao tempo, o ensinamento de Jesus é claro em Lucas 21:6, quando Ele se refere ao Templo de Jerusalém: “Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que não se deixará pedra sobre pedra que não seja derrubada.” Assim é com aquele que não edifica no terreno sólido do amor e do respeito a si mesmo e aos semelhantes – finalizou o facultativo.



## MAIORES CONSIDERAÇÕES

DEPOIS DE NOS reunirmos às outras duas turmas, retornamos ao Recanto Azul, indo diretamente para a nossa sala de aula. Lá, um representante de cada grupo foi escolhido para uma breve apresentação sobre as observações realizadas nas casas espíritas visitadas.

Tão logo foram encerradas as apresentações, a professora Josefina se encarregou de tecer alguns comentários a respeito das análises. Com a característica de espírito que já alcançou desenvolvimento considerável no campo da compreensão, ela perguntou:

– Meus irmãos, o que vocês puderam depreender de todas as lições que essas visitas nos suscitaram?

Manoel, que estava ao meu lado, rapidamente pediu a palavra:

– Apesar das diferenças, professora, com relação aos departamentos responsáveis pelo ensino nas casas visitadas, ficou patente, pelo menos para mim, que o grande problema é o melindre existente entre os voluntários que se apresentam para o trabalho da instrução.

De uma forma geral, todos os demais colegas aquiesceram com o apontamento.

Josefina retomou e prosseguiu:

– Bem, noto que essa é uma constatação geral e com a qual eu concordo plenamente. As desculpas para o melindre são as mais diversas e, no entanto, ele é o tumor que precisa ser combatido logo no seu início, para que a metástase não se produza, transformando em rixas as melhores intenções de trabalho. Enfim, nas apresentações realizadas há pouco, tomei o cuidado de anotar alguns itens que foram mais observados pelas três turmas. São eles:

- O melindre despertado, sobre a necessidade de o companheiro de sala aplicar-se mais no estudo e na pesquisa do assunto estabelecido, dado que sua exposição careceu de aprofundamento adequado para que se atingisse a proposta do curso.

Notem: por mais que a recomendação fosse realizada com o cuidado devido, a reação do colega foi de imediata repulsa, ocasionando uma cisão entre os dois, os quais são, na realidade, o esteio dos alunos.

- A contrariedade velada entre os expositores, mas percebida pelos participantes durante o transcorrer da aula, em virtude de expressões fisionômicas realizadas pelo companheiro que assistia à aula ministrada pelo outro.

Tal postura gerou um mal-estar em toda a turma, tamanha a demonstração nítida de atitude nada fraterna entre os dois. Importante lembrar que são eles os responsáveis pelos exemplos de solidariedade e fraternidade.

- Os apontamentos depreciativos de um expositor mais experiente em relação a um recém-chegado, por este ser novato ou mesmo ter maior conhecimento, apesar do curto período na prática desse valioso serviço.

- Denegrir a imagem visando a comprometer a posição de um colega junto ao diretor ou responsável pela área de ensino, pelo fato de não concordar com algum aspecto do tema abordado em sala de aula. Esse aspecto, aliás, por vezes é de completo desconhecimento do próprio contrariado, por não se dar ao trabalho de estudar o assunto com o empenho necessário ou por simples comodismo em aceitar observações de caráter pessoal e não doutrinário, realizado por orador de certo prestígio.

Esses, portanto, foram os aspectos que mais chamaram a minha atenção em relação às apresentações analisadas por vocês. Alguém gostaria de acrescentar mais algum?

Breno, que se mostrava tão atento quanto todos os demais, observou:

– Eu não teria coisa alguma mais para acrescentar. Porém, gostaria de formular uma pergunta, posso?

– Com absoluta certeza, Breno!

– Não seria o caso de sensibilidade muito apurada essa questão de tantos melindres existentes?

O pessoal todo sorriu descontraidamente. Mas, Josefina, com moderação, respondeu:

– Sem dúvida que a sua observação é pertinente, porque a atividade de expositor ou de orador demanda do candidato uma preparação adequada no terreno da mediunidade inspirativa, além da evidente necessidade de preparação sobre o assunto a ser tratado, procurando esforçar-se no exercício pessoal da evangelização, por ser ele o exemplo para alunos e assistidos. Todavia, não podemos aceitar desculpas e classificar o melindre, que é fruto direto do orgulho, como extremada sensibilidade mediúnica.

Em resumo, meu caro Breno, o que precisamos fazer, diante da constatação de que essa enfermidade está presente na nossa vida, é trabalhar firme na vigilância, pedindo fervorosamente em nossas preces a sustentação adequada dos mentores amigos, para que gradativamente possamos vencer esse mal, responsável por tantas dissensões nas nossas fileiras espíritas.

O pessoal, mais que satisfeito com a aula em campo e com os esclarecimentos posteriores, não apresentou maiores questionamentos. Assim, fomos convidados a fazer as vibrações em favor da paz e, após a prece final, todos foram dispensados.



## O BEM PURO E SIMPLES

NA SEMANA SEGUINTE, o doutor João Carlos convencionou que seriam reservados dois dias para visitas nas casas espíritas. A professora Maria foi a recomendada para as nossas valiosas excursões de natureza prática.

Também fomos informados de que, em pouco tempo, passaríamos a participar de certas atividades junto aos centros espíritas assistidos e, nessa oportunidade, a coordenação obedeceria às determinações dos mentores espirituais das casas visitadas. Sairíamos da simples observação para a prática efetiva, como treinamento salutar para as nossas futuras propostas.

A turma toda exultou com as possibilidades do serviço em conjunto, sob a coordenação da professora, nas casas que serviriam para os nossos estudos.

As instruções que nos foram apresentadas ocorreram em dia de visita. Por essa ocasião, o médico informou-nos também que a nossa professora já se encarregaria do primeiro evento. Em minutos, estávamos reunidos com a educadora no local de embarque rumo à pequena cidade do interior de um dos estados brasileiros.

O grupo desta vez não seria dividido, a fim de podermos observar um dos casos que os nossos professores consideravam de natureza peculiar.

Chegamos à cidadezinha em questão pouco antes do final da tarde.

Pudemos constatar, em instantes, os reduzidos recursos da população, a qual, em sua maioria, consistia de gente simples e trabalhadora.

Desembarcados, fomos conduzidos diretamente a uma comunidade, na periferia da cidade, onde a pobreza se fazia mais objetiva, beirando quase à miséria. Crianças subnutridas, em sua maioria seminuas, brincavam, nas vielas de chão batido, com pedaços de brinquedos ou com qualquer objeto que pudessem transformar em diversão, valendo-se da criatividade de cada um.

Com um sinal discreto da nossa orientadora, adentramos o centro da comunidade (que, aliás, não tinha grandes proporções), estacionando na frente de um telheiro com alguns bancos toscos, onde duas pequenas construções de madeira abrigavam uma pequena saleta e um banheiro minúsculo. Apesar desse aspecto físico, a atmosfera do local era de uma paz sem igual, com claridades azulíneas mostrando um espetáculo eivado de sublimes emoções.

Olhamos em direção à nossa mestra com certo ar de questionamento. Mas ela, demonstrando profunda tranquilidade, nos informou:

– Esse é o Centro Espírita Paz e Amor, dirigido pelo nosso confrade Benedito. Ele residia no Recanto Azul e solicitou a reencarnação para trabalhar junto aos nossos irmãos carentes desta região onde, um dia, ele mesmo foi um rico proprietário.

Não contive a curiosidade e perguntei:

– Professora, você poderia nos dar mais detalhes sobre o companheiro?

– Com prazer! O Benedito possuía inúmeras propriedades nas cercanias da cidade que, na época, era uma vila pobre. Empregava muitos dos seus moradores, porém, sem o cuidado em lhes dar um salário adequado e mesmo qualquer outro benefício senão a alimentação que, a rigor, se constituía do mínimo possível.

– Então o trabalho estava próximo da escravidão? – questionou um dos estudantes.

– Exatamente! No entanto, o nosso Benedito foi surpreendido pela desencarnação ainda jovem, num acidente em sua propriedade, caindo do seu cavalo, que se assustou, ao ver um réptil que passava à sua frente.

Então, sem qualquer noção da espiritualidade, ficou vagando pelas suas

terras, até ser socorrido por caravaneiros do Recanto Azul, para onde foi conduzido e submetido à uma longa terapia. Recuperado e sendo um rapaz inteligente e intelectualizado em encarnações precedentes na Europa, conscientizou-se dos abusos praticados aos seus semelhantes e não demorou a ingressar em trabalhos assistenciais na nossa colônia, recebendo o mérito de ter o seu pedido reencarnatório aprovado para, junto a essa comunidade, refazer os equívocos de outrora.

Ele já se encontra com avançada idade no corpo físico; contudo, mantém-se ativo nos serviços em favor do semelhante. Esteve, desde os seus primeiros dias na existência atual, vinculado à boa parte dos irmãos que manteve em exploração e ignorância profunda, sendo hoje um verdadeiro professor, atendendo pessoas de todas as idades, orientando e procurando educá-las dentro da melhor maneira possível, auxiliando também nas carências básicas de parte da população.

Com sua aposentadoria, mal dá para ele viver; mesmo assim, os recursos não se fazem ausentes, porque o abnegado irmão se associou, com a bondade que tem, ao pároco local. Juntos trabalham para levar recursos aos mais necessitados, além de Benedito ir em busca de doações em pequenos comércios, empresas e órgãos públicos. Aos poucos, ficou conhecido por toda a comunidade, que procura auxiliá-lo como pode, sem qualquer vínculo com religião, doutrina ou seitas. Ele soube, enfim, superar diferenças através do exercício pleno do amor e do perdão.

Estávamos impressionados com o relato das alterações tão significativas do nosso irmão, quando a educadora deu continuidade:

– E tem mais!

– Mais, professora? – perguntou Breno.

– Sim! Quando da sua preparação para a partida do Recanto Azul, Benedito solicitou que, através da mediunidade, pudesse trabalhar para as curas. Reencarnou, assim, dono de um magnetismo acentuado, cujos efeitos ectoplásmicos costumam ser significativos, sanando, por vezes, e dentro dos aspectos que por nós são conhecidos como relativos ao merecimento, problemas de saúde consideráveis dessa gente desprovida de recursos. Portanto, essa vitalização que o nobre irmão apresenta lhe dá condições de uma vida mais prolongada e útil, porque a sua alimentação é mínima. Na

verdade, ele pensa primeiro em dividir o pouco que tem com aqueles que nada possuem.

Estávamos fortemente impressionados com as informações apresentadas, quando a nossa professora indicou certo homem franzino vindo em direção do local onde nos encontrávamos.

– Este é o coração amoroso ao qual eu me referia – disse Maria apontando o recém-chegado.

Benedito era um afrodescendente, de pequena estatura e muito magro, com os cabelos completamente brancos, lembrando uma de tantas figuras dos nossos conhecidos pretos velhos, como nos referíamos carinhosamente aos nossos irmãos vindos da África, ou dos seus descendentes, quando estes atingiam idade mais avançada. A atmosfera que o circundava era de uma luz alva e constante, com alguns *flashes* de cor rosa profundo emitidos do seu centro de força cardíaco. Um perfume de flores silvestres mostrava-se como sua marca vibratória, apresentando tamanha intensidade que muitos reencarnados poderiam senti-los.

A clarividência fazia parte dos seus dons mediúnicos e logo o medianoeiro nos identificou. Percebi, de imediato, que ele conhecia a nossa educadora, porque se dirigiu mentalmente a ela, dizendo:

– Que o Senhor nos abençoe, minha querida irmã; seja bem-vinda! Por favor, diga-me, por que eu, criatura tão simplória, sou novamente honrado com a sua nobre visita e a dos irmãos que a acompanham?

– Grata pelo carinhoso tratamento, Benedito! Estamos todos em trabalho de campo. Viemos recolher um pouco de lições práticas para o nosso aprendizado.

– Bem, não sei se vocês poderão ter muito para aprender com os nossos limitados serviços; porém, sejam todos muito bem-vindos! Estejam à vontade para nos orientar no que for necessário!

Após as respeitadas observações, o nosso irmão passou a fazer o trabalho de limpeza do local, varrendo as folhas do chão batido e passando um pano nos toscos bancos de madeira, para logo recepcionar uma dezena de jovens senhoras com os seus filhos, todas moradoras da comunidade. Recebeu-as com muito carinho e atenção. Algumas delas beijaram-lhe a mão e carinhosamente também tiveram as suas mãos osculadas.

Enquanto o nosso anfitrião auxiliava para melhor acomodar as senhoras presentes, uma equipe composta de dez voluntários da nossa dimensão se apresentou. Era um grupo liderado por nobre entidade feminina, que informou ser a responsável pelo trabalho da tarde. Ela havia sido bisavó do Benedito e também residia no Recanto Azul, tal como os companheiros que a circundavam.

Com uma aura reluzente e de uma vibração de paz tão envolvente, imediatamente nos recordamos das imagens dos santos católicos, diante das quais as pessoas, via de regra, costumam se ajoelhar em reconhecimento e gratidão pela grandeza que aquelas criaturas representaram em benefício da sociedade planetária.

Depois que todas as senhoras se acomodaram, Benedito pegou um exemplar de *O evangelho segundo o espiritismo*, que já se apresentava surrado pelo uso. Passou, então, a ler o pequeno trecho do capítulo 27 – “Pedi e obtereis” –, nos seus itens 5 a 8. Em seguida, completamente envolvido pela nobre mentora, discorreu alguns minutos, de maneira simples, mas extremamente amorosa, sobre o assunto a ser tratado naquela tarde. Encerrada a pequena palestra, iniciou uma aula a respeito dos cuidados higiênicos básicos das jovens mães.

Mais uma vez recorreremos às instruções da nossa professora, que nos orientou:

– A proposta de trabalho do nosso companheiro de luta no bem é levar não só a educação de natureza espiritual, mas também aquela que possa ser útil para a presente encarnação, tanto dessas moças como a de seus filhos, que aos poucos vão se conscientizando da necessidade de melhorar a sua condição de vida.

Muito já foi feito neste sentido; porém, não na coletividade como um todo. Muitas dessas mulheres influenciam como podem seus maridos e vizinhos; todavia, conforme sabemos, toda mudança exige tempo. Em todo caso, se a comunidade ainda não despertou grupalmente, pelo menos nas residências simples dessas nossas irmãs já se pode observar que o esforço do Benedito não está sendo em vão.

Encerrada a pequena aula, todos os presentes receberam os benefícios do passe através da fluidoterapia na pequena saleta de madeira, onde entravam

duas pessoas de cada vez para serem atendidas pelo nosso dedicado irmão.



## AS LIÇÕES CONTINUAM...

NOSSA PROFESSORA, APÓS rápido diálogo com a mentora responsável pelos trabalhos, aproximou-se comunicando:

– Solicitei autorização à nobre matrona para entrarmos na câmara de fluidoterapia e darmos prosseguimento às nossas análises.

Adentramos, pois, uma sala simples, cuja temperatura ambiente se mostrava extremamente agradável se comparada com o calor do lado externo. Pudemos observar a movimentação da equipe de trabalhadores do nosso plano, que utilizavam de aparelhos alterando o material mental existente e sublimando-o de tal forma que permitia a influência no plano físico, permitindo que os efeitos ectoplásmicos ocorressem com maior efetividade. Tais recursos auxiliavam no processo de curas de enfermidades ou, muitas vezes, na sua prevenção, principalmente com relação às crianças, cuja ausência de determinados cuidados relativos à alimentação poderia promover danos irreparáveis no corpo somático, comprometendo a presente reencarnação.

Das mãos do iluminado e simples trabalhador, podiam-se ver fios concêntricos e poderosos de pura energia magnética que, associada àquelas fornecidas pela equipe espiritual, infundiam profundas alterações no campo

perispirítico do assistido, promovendo, de imediato, uma sensação de bem-estar aliada a vibrações de paz e felicidade, alterando o humor das mãezinhas e dos seus rebentos. Tratava-se, enfim, de um verdadeiro espetáculo de luz, de um banquete onde os alimentos servidos eram todos produzidos com base no amor e na boa vontade.

Ao encerrar as atividades fluidoterápicas, Benedito convidou as nossas irmãs para a prece final com o Pai Nosso, que foi acompanhado em pensamentos de gratidão envoltos em profunda alegria.

A emoção terminou envolvendo a todos nós, que procurávamos conter as lágrimas, tamanha a força das energias superiores no recinto. O impacto também provinha de vermos aquela gente simples, mas repleta de esperanças íntimas, se despedindo do dirigente, como se estivessem se retirando da frente de um santo.

Para todas as jovens senhoras, Benedito dirigia palavras refletidas do seu coração amoroso, oferecendo-lhe, naqueles instantes preciosos, um pouco mais de conforto, sustentação e fé no futuro.

Tão absortos estávamos que não havíamos atentado ainda para a assistência de desencarnados que se posicionavam à certa distância daquele local de luzes espirituais de alta intensidade. Mas, ao sinal da mentora, todos se aproximaram e se acomodaram no duplo dos bancos toscos, como se aguardassem novas ocorrências.

Para a nossa surpresa, quando pensávamos que os trabalhos estavam encerrados, o diligente servidor do Cristo postou-se na frente dos bancos que se apresentavam vazios no plano material, entretanto, por meio da sua clarividência, ele registrava a presença maciça de entidades espirituais. Com apenas uma lamparina que possuía, valeu-se da parca luz para a breve leitura de um trecho do *Evangelho segundo o espiritismo*, o qual, em seu capítulo 5 – “Bem-aventurados os aflitos” –, nos itens 1 e 2, apresentam alguns dos ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte.

Algumas pessoas que passavam pelo local, ao verem aquele homem simples falando aparentemente sozinho, completamente alheios à sua realidade espiritual, riam disfarçadamente, enquanto outros procuravam se aproximar para ouvi-lo. Após a breve exposição, Benedito proferiu a prece de encerramento. Pudemos observar, então, que várias entidades recebiam

atendimento emergencial, aceitando o convite dos amigos mentores para ingressarem em instituições de assistência, estudo e trabalho.

Todos nós nos acercamos da iluminada benfeitora espiritual e dos seus correligionários para nos despedir, o mesmo acontecendo em relação ao iluminado operário do Cristo, que nos identificava com grande facilidade, mostrando profunda gratidão pela nossa visita.

Retornamos para o Recanto Azul, mas, antes que a aula fosse encerrada, nossa professora fez alguns apontamentos:

– Notaram como as recomendações de Allan Kardec e dos espíritos fazem sentido, com respeito ao fato de que as reuniões devem ser realizadas com profunda seriedade, por não se tratar de um trabalho unilateral, em que somente as entidades espirituais devem atuar? Outro aspecto importante é a condição de simplicidade e a ausência de um número expressivo de participantes, o que muitas vezes interfere mais do que auxilia, por estarem apenas fisicamente presentes, mas distantes nos seus pensamentos. Em função disso, em várias oportunidades necessitam de isolamento magnético do ambiente através da ação dos mentores, a fim de não influenciarem negativamente nas vibrações superiores reinantes.

Não me detive em minha curiosidade e lancei uma pergunta à nossa orientadora:

– Professora Maria, pelas descrições que você fez a respeito do nosso irmão Benedito em relação às experiências transatas, como foi possível tamanha alteração comportamental e evolutiva em tão curto espaço de tempo?

– Creio que você esteja se referindo ao fato de que a natureza não dá saltos, correto?

– Bem, creio que tive meus pensamentos lidos literalmente... – respondi sorrindo.

Ela sorriu de volta discretamente, porém tive a plena certeza de que o fato havia acontecido. Maria esclareceu-me então:

– Benedito é um espírito em evolução como todos nós, Luiz Carlos, sem qualquer privilégio diante das leis de Deus e sem que esse processo se opere em saltos, mas seja um somatório de aprendizados e conquistas para o espírito, que é imortal. Entretanto, todo o esforço que a criatura faz no bem é circundado de luz pelas bênçãos do nosso Criador, tornando-se verdadeira

antena de recepção e emissão das energias superiores que sustentam o cosmos, vivenciando o contato regular com mentes voltadas para o bem.

Então, não se trata de uma mudança radical sem respeitar a própria natureza, mas sim de aproveitamento do tempo que está à nossa disposição. Acender uma luz e mantê-la acesa iluminando o nosso íntimo e servindo de farol para o semelhante em nada contraria as leis universais: apenas demonstra a nossa capacidade e persistência na melhoria de nós mesmos, quando nos conscientizamos das nossas responsabilidades como espíritos que somos.

O problema está no desperdício das oportunidades que são oferecidas regularmente para todos, sem exceção. Benedito luta, sim, contra as suas imperfeições; todavia, antes de valorizá-las sem proveito, colocando-as como impeditivo para a sua transformação, ele procura trabalhar servindo ao semelhante. Isso, sabemos de há muito, representa, na verdade, algo que fazemos por nós mesmos, uma vez que nos é dada a oportunidade do exercício das nossas potencialidades superiores, aquelas que por vezes dormitam no espírito anestesiado pelos interesses imediatistas.

Encerradas as observações feitas pela nossa professora, nenhum de nós sentiu-se motivado a apresentar outros questionamentos. Assim, nos despedimos depois da prece carregando as lições do dia que nos levariam a profundas reflexões.



## DEPOIMENTO CORAJOSO

NOSSAS AULAS TEÓRICAS e práticas se repetiam semana após semana com grande proveito para todos nós. Nos intervalos, principalmente aos domingos, costumávamos nos reunir para comentar sobre algumas visitas realizadas ou sobre os assuntos tratados em classe.

Sem dúvida alguma, as questões relacionadas aos aspectos da fascinação eram aquelas que nos chamavam mais atenção. Sempre terminavam em grandes debates, incluindo, nessas ocasiões, colegas de outras classes, que trocavam conosco impressões das lições recebidas neste ou naquele particular.

Foi numa dessas oportunidades que tivemos o prazer de conhecer o nosso irmão Franco que, naquele momento, acompanhava o estimado Genivaldo, o responsável, aliás, pelas apresentações.

Realizadas as saudações de praxe, Genivaldo esclareceu:

– Nosso querido Franco está afeito ao grupo que coordenamos para as visitas as casas espíritas em sistema de rodízio, conforme informei anteriormente. Ele tem amplo conhecimento como voluntário no serviço da divulgação do Evangelho. Bem, eu não pude deixar de ouvir, quando passei rapidamente por vocês, a acalorada conversa a respeito do tema da

fascinação. Tomei a liberdade, então, de pedir ao nosso amigo que viesse relatar brevemente as suas experiências.

Gentilmente, Franco tomou a palavra e adiantou-se com interesse em esclarecer:

– Sim... Experiências essas um tanto amargas, que tem como base quase sempre o nosso orgulho, mas que servem para o nosso despertar. Foi o que me moveu para me inscrever neste curso, visando a auxiliar muitos dos nossos irmãos que estão na labuta da divulgação, para que não incidam em semelhantes equívocos da fascinação, como foi o meu caso.

Minha primeira experiência como divulgador se deu em terras inglesas, na posição de pastor protestante. Ali, o meu verbo inflamado aliado à minha mocidade atraíam grande número de adeptos para o culto realizado aos domingos, na cidade para onde eu fora transferido à época. Não demorou para que eu passasse a me sentir um verdadeiro Narciso da mitologia grega, o herói do território de Téspias, famoso por sua beleza e orgulho, principalmente quando as jovens e algumas senhoras da comunidade passaram a se aproximar de mim com grande admiração.

Não posso imputar à imaturidade as questões relativas aos meus desvios, porque os meus superiores, sempre muito zelosos, tinham o cuidado de me alertar. Não só eles, mas também os amigos espirituais que, através da inspiração, procuravam, com extremada regularidade, apontar-me o correto caminho, utilizando muitas vezes do meu desprendimento natural através do sono para, em sonhos, darem continuidade aos seus preciosos avisos.

Todavia, nada disso me importava, porque me fascinei de tal forma que passei a atrair alguns espíritos desequilibrados na sexualidade. Estes me estimulavam ainda mais o desejo sobre as moças que se apresentavam com maior entusiasmo ou carência. Com efeito, passei a me relacionar com várias delas com o sexo irresponsável, até comprometer-me seriamente com uma jovem senhora, que engravidou e, no desespero da situação, apontou-me como o responsável.

Para não ser executado pelos próprios populares, revoltados com as minhas atitudes completamente inadequadas aos propósitos da divulgação do

Evangelho, tive de fugir, mantendo-me numa vida marginalizada, o que não durou muito tempo, aliás, porque acabei sendo descoberto num pequeno vilarejo pelo irmão daquela que eu engravidara. Este se encarregou de dar fim aos meus dias carregados de desacertos.

Inconsciente em relação à minha condição espiritual, que só conhecia em teoria, vaguei por regiões de profunda ignorância e sofrimento, crendo estar no inferno que pregava para os meus incautos assistidos no sentido de mantê-los na linha. Até que fui resgatado pela equipe de uma pequena colônia, que me encaminhou à terapia necessária e aos esclarecimentos quanto às minhas responsabilidades. Um pouco mais equilibrado, solicitei a reencarnação para atuar nas fileiras espíritas, convencido de que não mais reincidiria nos erros de outrora, apesar dos alertas dos nossos mentores. Estes me esclareciam quanto à necessidade de salvaguardar-me em relação à palavra, dando prioridade a outras tarefas importantes, principalmente o atendimento social nas instituições às quais eu me vincularia.

Renasci, pois, em berço espírita, sendo conduzido para a evangelização desde a primeira infância, beneficiado pelo zelo que os meus pais sempre demonstraram, no sentido de que eu tivesse pleno conhecimento do valor da experiência terrena. Tudo ocorreu dentro do esperado até eu completar vinte e dois anos de idade. Então, quando no trabalho de atendimento aos irmãos carentes, na distribuição da sopa fraterna realizada às sextas-feiras na instituição em que eu estudava e trabalhava desde a adolescência, fui chamado para substituir o expositor que se ausentara naquela noite por motivo de saúde.

A pequena palestra tinha uma duração máxima de dez minutos. Contudo, minha empolgação foi tamanha ao usar a palavra, que acabei passando um pouco do tempo, por notar que as pessoas mantinham grande interesse no assunto que estava sendo tratado com peculiar desenvoltura e brilhantismo da minha parte. Tanto é que a dirigente dos trabalhos me chamou logo em seguida, convidando-me a atuar como um dos oradores, incluindo-me, a partir daquela data, na escala de palestras.

No meu íntimo, apesar de sentir intuitivamente que eu deveria dar continuidade às minhas propostas iniciais de serviço, a possibilidade de brilhar na tribuna, tal como alguns oradores que eu admirava além do

normal, encantou-me de tal forma que daquele trabalho com as pessoas simples que me auxiliariam a me manter dentro do equilíbrio adequado, passei a oferecer-me para palestras e aulas na instituição onde já trabalhava. Aos poucos, também me inseri em outras instituições próximas, que foram gradativamente sabendo da minha qualidade de oratória e conhecimento doutrinário.

No início, estudava com afinco, é bem verdade, movido pelo interesse único na divulgação. Porém, não demorou para aquilo reavivar o meu autoencantamento, verdadeira fascinação, num processo típico de auto-hipnose que me levaria novamente à falta de cuidados quanto à prevenção do meu próprio veneno, que passei a sorver com todas as minhas forças. Em curto espaço de tempo, estava novamente encantado e encantando as pessoas, negligenciando os avisos de amigos que passaram a me alertar a respeito dos cuidados relativos aos procedimentos inadequados, muitos deles, aliás, sendo literalmente mediunizados pelos mentores, insistindo para que eu não reincidisse nos mesmos desequilíbrios da experiência reencarnatória anterior.

Mas de nada adiantou... Dentro do meu quadro, autofascinado e ligando-me a entidades perversas contrárias à divulgação do Evangelho redivivo, mas que me estimulavam sobremaneira, ignorei completamente as iluminadas lições do codificador exaradas no *O livro dos médiuns*, principalmente quando trata dos diversos tipos de obsessão no capítulo 23, deixando-me envolver completamente, afastando-me e afastando as pessoas que achava serem inconvenientes aos meus interesses, julgando-as como contrárias aos trabalhos que estavam sob a minha responsabilidade. Literalmente, fazia ouvidos moucos àqueles que eu começava a considerar como verdadeiros obsessores, quando, na realidade, eram os reais amigos em busca de me auxiliar.

Não posso, em momento algum, dizer que fui um joguete nas mãos dos espíritos, porque, se a obsessão assim se processou, foi por total responsabilidade da minha parte, uma vez que eu já estava bem crescidinho para não mais aceitar as terceirizações de responsabilidades, tentando justificar atitudes que tomava baseadas em interesses próprios.

A essa altura do relato, não contive a curiosidade e perguntei:

– A história se repetiu de maneira semelhante à da existência anterior?

Franco respondeu-me tendo os seus olhos mareados pela emoção:

– Não saberia dizer se foi pior ou um pouco menos desagradável, porque os tempos são outros; mas creio que, guardadas as devidas proporções, dado o meu conhecimento e experiência, além das advertências constantemente recebidas, acabei me envolvendo com a esposa do dirigente de uma das instituições onde eu regularmente fazia conferências. Em pouco tempo, o fato veio à tona, tornando-se um verdadeiro escândalo na comunidade.

Não suportando a ocorrência, afastei-me das lides doutrinárias e terminei os meus dias consumindo-me no álcool e por várias vezes na cocaína, encurtando em muito a minha existência. Depois de vagar a esmo pelos vales do desespero, fui resgatado, desta vez pelos amigos do Recanto Azul. Após longo período de tratamento, coloquei-me no trabalho ativo aqui nesta colônia abençoada e pretendo assistir, dentro das minhas possibilidades, irmãos nossos que às vezes se desviam ou vacilam de suas propostas concernentes aos programas reencarnatórios.

Eu e meus colegas estávamos extremamente impressionados com o relato corajoso do novo amigo. Muitos de nós, contagiados pela emoção daquele momento, enxugamos lágrimas discretas que insistiam em cair.



# CHARLATANISMO

ESTÁVAMOS NOS PREPARANDO para a nossa aula prática, quando a professora Maria nos informou que naquela oportunidade teríamos a companhia do nosso estimado Genivaldo. Uma surpresa atrás de outra, pois tínhamos nos encontrado com o amigo no domingo anterior, quando ele nos apresentou o irmão Franco, que nos fizera aquele depoimento valioso.

Quando a turma estava embarcando no veículo de transporte, Genivaldo surgiu com o seu sorriso espontâneo e bondoso. Sempre muito alegre, ao me ver cumprimentou-me e completou perguntando:

– Que feliz coincidência, não?

– Genivaldo, sinceramente, tenho tantas surpresas desde quando ingressei no curso que vou me contentar com o fato, completamente contrário às leis de Deus, de coincidências existirem... – rimos os dois.

A viagem foi rápida. Quando desembarcamos em frente à uma instituição espírita instalada numa pequena propriedade, a professora orientou:

– Nesta etapa, vamos exercitar a nossa percepção e darmos prosseguimento às análises de natureza mental. Portanto, preparemo-nos convenientemente com a prece e mantenhamos os pensamentos elevados para tirarmos o melhor proveito da visita.

A própria professora se encarregou da oração inicial, e partimos sem demora para as nossas observações.

De imediato, apurando minha sensibilidade, percebi que as defesas magnéticas, muito comuns nas casas espíritas, e as entidades cuja seriedade e compromisso no bem são o tema central, simplesmente não existiam. Quando eu quis formular uma pergunta, Genivaldo, que se encontrava mais próximo, disse:

– Continue atento, Luiz Carlos.

Tão logo entramos na recepção, apurei ainda mais meu campo visual e pude verificar que uma grande quantidade de miasmas contaminava o ar local, impregnando paredes e móveis. Na dimensão espiritual, entidades completamente alheias à nossa presença faziam verdadeira algazarra, com atitudes desagradáveis, como se estivessem vivenciando um festim pernicioso.

As vibrações presentes se mostravam desalinhas, transmitindo uma sensação pesada, de energias densas, quando passamos para a sala de reuniões, aliás, a única no local. Notamos, ali, uma senhora de meia-idade sentada de maneira um tanto displicente numa confortável poltrona, sendo assistida por uma pequena assembleia, fazendo uma espécie de consulta aberta perante um público atento.

O fato mais entristecedor que podíamos constatar era a farsa teatral que se apresentava diante dos nossos olhos, no tocante à mediunidade. A mistificadora fazia-se passar por médium séria, apresentando sotaque de uma língua estrangeira e trejeitos inapropriados, influenciada por espíritos que se divertiam e gargalhavam com o medíocre espetáculo.

Percebi que vários alunos, tanto quanto eu, demonstravam interesse em levantar questões a respeito. Não me contive e fiz um sinal para a minha professora, no que fui atendido de imediato. Disse ela:

– Muito bem, pessoal, vamos às perguntas! Nesta oportunidade, nosso irmão Genivaldo vai se disponibilizar para os esclarecimentos, enquanto eu vou atender uma senhora que acaba de chegar na instituição.

Moacir, um dos nossos colegas, adiantou-se e lançou a primeira indagação:

– Como tal situação é permitida, quando vemos certo número de pessoas serem literalmente enganadas por uma criatura com comportamento tão infeliz?

Genivaldo, com a tranquilidade que lhe era característica, respondeu:

– Isso porque, meu caro Moacir, chegamos após os pagamentos em espécie, que foram realizados por todos que participam desta infeliz reunião. Mas, em relação às tuas dúvidas, vamos nos valer do ensinamento de Jesus: Buscai e achareis!

Na verdade, Moacir, as pessoas que aqui se encontram estão buscando exatamente esse tipo de facilidade para o seu conforto. Deixam as decisões, que tinham por responsabilidade tomar, nas mãos de criaturas desonestas, encarnadas ou desencarnadas, com as quais se associam mentalmente em regime íntimo repetindo o atavismo em que se habituaram, desde muitos séculos, com oráculos e pitonisas. Temos aqui, portanto, irmãos nossos acomodados e charlatães, todos unidos pelos laços vibratórios com os quais se retroalimentam, assimilando as energias negativas que são emanadas de suas mentes doentias.

Por minha vez, solicitei que Genivaldo nos aclarasse sobre outro ponto:

– Eles não poderiam ser atendidos por seus mentores?

– E não o são? Tomemos por exemplo nós mesmos. Quantas vezes não somos alertados pelos amigos espirituais, que se utilizam dos mais variados recursos, sobre escolhas equivocadas da nossa parte e mesmo assim continuamos seguindo a mesma rota por opção? A liberdade, Luiz Carlos, é respeitada no limite da nossa evolução, porque não podemos atrasar indefinidamente a nossa própria e a dos semelhantes. Por isso, temos a terapia da dor, quando nos excedemos, tanto individual quanto coletivamente.

Foi a vez de David se manifestar:

– Esses infelizes espetáculos que agora presenciamos costumam durar, Genivaldo?

– O suficiente até que os seus participantes se conscientizem e procurem o caminho do bom senso, o que acabará prevalecendo, porque, em essência, todos nós o possuímos. O que precisamos atentar é para o fator tempo, cuja medição, no planeta e nas dimensões próximas, tem uma medida implantada para o nosso balizamento. Contudo, o que será, para o espírito imortal, períodos que parecem longos, como um século ou mesmo um milênio?

Manoel, que estava próximo à porta do pequeno salão, preferiu alterar a

análise que estava sendo realizada e questionou:

– A professora Maria nos informou que assistiria uma senhora que acabava de chegar a esta casa. Podemos saber o que está acontecendo de fato?

– Muito boa a tua observação, Manoel. Ninguém passa por aquilo que não necessite, concorda?

– Sem dúvida alguma, porque as leis do Criador são justas e misericordiosas.

Genivaldo sorriu e completou:

– A nossa querida Maria está inspirando a pessoa recém-chegada a retirar-se do local, uma vez que a sua condição vibratória demonstra a real necessidade de ser atendida, não tendo nenhuma relação de expiação, a ponto de ser ludibriada por essas criaturas que aqui se dispõem a esse serviço de anticaridade, segundo o informe que acabei de receber mentalmente da professora. Falávamos sobre a proteção e alerta de nossos mentores, não é, Luiz Carlos?

Estava materializada a lição para todos nós. Procurei sair com uma colocação que sempre apreciei. Num resumo, respondi:

– Pois é...



## NOSSAS RESPONSABILIDADES

AO RETORNARMOS À unidade escolar, demos prosseguimento aos questionamentos com a professora Maria e o amigo Genivaldo.

Adiantei-me e solicitei à nossa educadora mais detalhes sobre o atendimento que fora realizado durante o desagradável espetáculo que tivemos oportunidade de presenciar. Como os colegas também se mostravam sedentos por saber mais, fui o porta-voz da turma para a pergunta:

– Por felicidade, você estava no local quando da chegada daquela senhora. Contudo, outras pessoas, estando de fato necessitadas, não poderão procurar a instituição que visitamos e serem ludibriadas?

– Luiz Carlos, conforme já esclarecido pelo nosso Genivaldo, os semelhantes se atraem dentro das suas necessidades, sejam elas de trocas energéticas, por expiações ou por provas. Dessa maneira, não somos submetidos a qualquer ocorrência por mero acaso, sejam elas individuais ou coletivas.

Para ilustrar, vou me valer de um simples exemplo, quando do atendimento dos nossos irmãos em uma casa espírita nos serviços fluidoterápicos. Às vezes, temos uma quantidade razoável de assistidos numa mesma reunião e, após a palestra evangélica, eles são dirigidos para a câmara de passes, onde

se encontram vários médiuns voluntários prontos para a aplicação das energias magnéticas necessárias para cada um, correto?

– Sim, professora, correto.

– Muito bem. Pela obviedade da situação, todos os assistidos não apresentam os mesmos problemas, tal como os assistidos de um hospital, fazendo uma analogia. Logo, cada um dos médiuns presentes, aliados aos mentores espirituais, estará aplicando o fluido especializado para o caso que está sendo tratado, do mesmo modo que o facultativo apresenta a cada assistido, especificamente, os recursos que lhe são adequados à recuperação da saúde.

Não somente o caso analisado, em que vimos a senhora cuja misericórdia de Jesus permitiu que eu fosse a ferramenta útil para atendê-la. Como ela, outros assistidos que porventura busquem uma casa de socorro são desviados, por intuição de suas próprias experiências transatas ou pela inspiração que recebem dos seus amigos espirituais, que se encarregam de lhes apresentar melhores locais de atendimento, cuja seriedade seja a pauta da instituição. Se não fosse assim, todos nós estaríamos à mercê de forças inferiores, que buscam tirar proveito ou desviar as criaturas dos seus propósitos superiores de evolução no terreno do espírito.

Agradei os apontamentos, impressionado com a facilidade e simplicidade que a nossa mestra demonstrava nas suas respostas.

Outro colega pediu a palavra e, desta vez, dirigiu sua dúvida ao Genivaldo:

– Como observamos naquela reunião infeliz, as pessoas que lá estavam, segundo as tuas explicações, continuam praticamente estacionadas no tempo, buscando uma maneira mais conveniente de gozar a vida de maneira irresponsável. Então, como ficam esses casos diante das leis divinas?

– São enfermos que merecem tratamento como qualquer um de nós. Diante do quadro observado, deveremos sempre nos perguntar onde e quando, por nossa vez, não colaboramos irresponsavelmente para mantermos nossos irmãos em ignorância profunda, buscando tirar proveito seja de mando, seja de recursos financeiros ou mesmo de vantagens pessoais escusas.

Ora, todos aqueles nossos irmãos e irmãs que lá se encontravam procurando manter o comodismo vicioso serão um dia despertados,

conforme informei em momento anterior; um dia, certamente, serão aqueles que trabalharão como educadores visando ao esclarecimento alheio. Não vemos inúmeros companheiros que se desviaram da rota sadia da evolução se tornarem exímios exemplos para os semelhantes depois de experimentarem a dor e o sofrimento de suas opções desastrosas? Pois bem. Aquele que retira o espinho da carne conhece de antemão a dor e o incômodo do próximo que sofre com o mesmo problema. Quando falamos sobre algo vivenciado, transmitimos vibrações baseadas na realidade incontestável da experiência.

E encerrando as suas explicações, Genivaldo disse:

– Não generalizando, logicamente, vale a pergunta: e quanto a nós, não estamos hoje apresentando as propostas do Evangelho do Cristo, quando um dia procuramos utilizá-lo para os nossos interesses particulares?

Todos nós, os alunos, trocamos olhares e ninguém mais apresentou uma nova questão.



## CONCEITOS PESSOAIS

OUTRA AULA PRÁTICA estava programada com a divisão das classes. Cada uma delas visitaria novamente um centro diferente, para que tivéssemos material suficiente para as nossas discussões posteriores.

Nesta oportunidade, nossa turma desembarcou numa instituição de médio porte e, de pronto, nos impressionou a quantidade de alunos nas salas de aula. A olhos vistos, constatávamos o interesse pela doutrina espírita, cujo objetivo é a revivescência do Evangelho do Cristo, levando consolo, esperanças renovadas e, acima de qualquer coisa, educação, através dos estudos dos seus postulados, patrocinando o exercício do amor ao próximo.

Fomos guiados pelo estimado Genivaldo, que nos dirigiu para uma das classes onde a maioria dos estudantes se encontrava na faixa etária média de vinte e cinco anos de idade. O tema em pauta abordava duas questões delicadas, mas sempre atuais e necessárias ao debate sadio, para que as luzes do esclarecimento cristão possam nortear a nossa conduta a fim de que não venhamos a utilizar o nosso livre-arbítrio de forma irresponsável.

A exposição do educador focava o divórcio e o aborto, a princípio com certo tato, mas, no decorrer da aula, aspectos pessoais começaram a surgir, iniciando questionamentos por parte dos alunos, que eram convidados pelo expositor a aguardar o momento adequado, pois seria reservado um tempo do encontro para o debate. Contudo, a exposição se estendera e

determinados detalhes de somenos importância ocuparam o espaço reservado para as dúvidas dos jovens, que aguardavam ansiosos, ficando a promessa, por parte do educador, de que retornariam ao assunto na aula seguinte, o que gerou certa frustração no grupo que, ao deixar a sala de aula, comentou a respeito das opiniões do educador, consideradas mais pessoais do que doutrinárias.

Em minutos estávamos reunidos com o nosso orientador para apresentarmos algumas questões. Genivaldo, literalmente lendo os nossos pensamentos, iniciou dizendo:

– Como pudemos notar, a frustração dos alunos foi patente, com alguns deles inclusive comentando que o expositor procurou estender ao máximo o assunto, evitando ser questionado no tempo reservado para um maior aprofundamento por meio do debate. A promessa de retomar o tema na próxima aula não será cumprida, porque existe um programa a ser cumprido, além do fato de que a cada nova semana existe um expositor diferente destacado para o encontro. Dessa maneira, as opiniões pessoais do voluntário acabam soando como verdadeiras para alguns alunos que não têm qualquer informação adicional. Estes permanecerão com ideias preconceituosas e inadequadas diante de temas que necessitam de aplicação caridosa tendo por base os ensinamentos de Jesus, que são lastreados na misericórdia.

Recordemos que, diante da pobre jovem senhora apanhada em adultério e exposta diante da turba violenta e irascível, Jesus utilizou de suprema misericórdia e de caridade infinita, quando procurou educá-la, indicando o melhor caminho a seguir. Disse-lhe então: “Vai-te e não peques mais.”

– Considerando, ainda, que apresentaram apenas a moça, não, Genivaldo? – falei por minha vez.

– Com toda certeza, Luiz Carlos, porque o cidadão com quem ela adulterara estava protegido pelos valores distorcidos de um sexismo, aliás, ainda não totalmente ultrapassado nos nossos dias.

Mas, retornando às nossas observações, os alunos menos experientes poderão permanecer arraigados em conceitos inadequados, conforme dissemos há pouco. Já aqueles com certo conhecimento doutrinário, ou pelo menos maior dose de bom senso, questionarão a validade das propostas de

educação espírita ofertadas pela instituição que ora visitamos.

Em síntese: quando assumimos a tarefa de divulgadores não temos, obviamente, a obrigação de conhecer todos os assuntos. Porém, naqueles com os quais estivermos envolvidos diretamente, cabe-nos a responsabilidade do aprofundamento adequado, porque as nossas posições pessoais precisam ser reavaliadas de acordo com os ensinamentos do Evangelho; até porque, quando assumimos uma tribuna, estamos falando em nome do espiritismo.

Portanto, se ainda mantemos pontos de vista que não condizem com a doutrina espírita, principalmente sobre temas tão delicados como aqueles que acabamos de presenciar na noite de hoje, é melhor nos abstermos de lecioná-los num primeiro momento e procurarmos estudar e trabalhar com aprofundamento a nossa posição, esforçando-nos na reformulação de pensamentos para que não sejamos responsáveis por comprometer, com a nossa visão distorcida, a mente daqueles que, se envolvidos diretamente nos problemas apresentados, precisam evitar incorrer em erros de julgamento alheio.

Enfim, lembremos sempre de Jesus, diante do desejo de julgar o próximo, em anotação realizada por Mateus 7:1-5: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque, com o juízo com o qual julgardes, sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido, vos hão de medir a vós.

E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou, como dirás a teu irmão ‘Deixa-me tirar o argueiro do teu olho’, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então cuidarás de tirar o argueiro do olho do teu irmão!”

Genivaldo, em poucas palavras, havia apresentado material suficiente para as nossas reflexões. Como nenhum de nós formulou questionamento posterior, fomos convidados, então, a retornar para o Recanto Azul.



## DITADOR FASCINADO

ASSIM QUE FOI possível nos reunirmos com os alunos das outras duas turmas, procuramos trocar impressões sobre as visitas realizadas. Buscávamos analisar os mesmos aspectos, porém em instituições diferentes. Esse processo de troca e análise conjunta durou algum tempo, até percebermos que um grupo maior de colegas se aglomerava em torno de um dos alunos, o qual relatava as suas experiências pessoais. Dizia ele:

– Hoje percebo o quanto me equivoquei com minhas posturas presunçosas... Minhas opiniões pessoais, seguindo conceitos arraigados em profundo preconceito, ofereceram material suficiente para muitos trabalhadores manterem convicções semelhantes às minhas.

Tal como eu, Breno e David tinham se aproximado do aluno que fazia o relato naquele exato instante. O assunto já se desenvolvia, portanto. Mas Breno se desculpou antecipadamente pela interrupção, apresentou-se e imediatamente perguntou:

– Por favor, qual o tipo de experiência o amigo está relatando exatamente?  
– Não tem por que se desculpar, meu caro Breno. Chamo-me Tito e é sempre uma satisfação poder contar com irmãos que são caridosos no ouvir, porque o desabafo higieniza a alma. Se os demais companheiros concordarem, posso reiniciar meu depoimento...

Todos os presentes aquiesceram de bom grado, até porque mais alguns

colegas se aproximaram, buscando conhecer o assunto que era tratado.

Tito, demonstrando-se agradecido, reiniciou:

– Eu narrava sobre o período em que estive dirigindo uma casa espírita na minha última existência planetária, depois de ter servido ali como expositor e orador durante muitos anos. Via de regra, sentindo-me uma pessoa destacada dos demais trabalhadores por ter sido guindado à presidência da casa, comecei a impor minhas opiniões pessoais e não apenas nos setores voltados para o atendimento fraterno, mas principalmente naquela voltada ao ensino doutrinário. Agia com uma petulância lamentável e, por isso, muito rapidamente comecei a fazer vítimas entre os colaboradores e alunos.

– Vítimas? – questionou uma jovem que se encontrava ao lado do Tito.

– Sim, é como posso classificar os irmãos e irmãs que sofreram com a minha intolerância, uma vez que, avesso ao direito garantido àqueles com orientação sexual diferenciada daquelas que eu entendia como as únicas corretas diante de Deus, passei a classificar as pessoas como desequilibradas. Desta maneira, as obrigava a participarem de assistência espiritual para os trabalhadores, de onde jamais saíam para retornar às suas atividades regulares. Enfim, eu não poupava esforços para enviar irmãos para o chamado ‘vale dos esquecidos’, como eu me referia jocosamente à área de assistência que acabo de mencionar, afastando excelentes voluntários, aliás, criaturas que me superavam em muito em dedicação e moralidade; e fazia isso somente porque eram homossexuais ou suspeitava que o fossem, agindo como um ditador fascinado.

Mas, se com os trabalhadores eu agia daquela maneira deplorável, imaginem com que facilidade eu afastava da instituição assistidos e alunos! Cheguei a ordenar ao dirigente responsável pelas escolas que convidasse uma aluna a se retirar em definitivo do curso que participava, exatamente na metade do ano letivo, por ela ter declarado que era casada com outra jovem que trabalhava na área da infância. Esta eu mesmo me encarreguei de dispensar.

David, que se mantinha também muito atento, falou:

– São os nossos enganos, Tito... Quem de nós não apresenta ainda a necessidade de substituição de hábitos infelizes?

– O problema, meu amigo, é que não parei por aí. À medida que o tempo

passava, fui me tornando ainda mais intransigente a ponto de, num caso semelhante ao que descrevi, quase ter sido responsabilizado pelo desencarne de um jovem recém-ingresso nas fileiras espíritas, por intermédio da casa que eu administrava.

A curiosidade sadia estampou no rosto de todos os presentes. Tito não se fez de rogado e continuou:

– Eu me encontrava na biblioteca da instituição conversando com o responsável de plantão, quando o jovem, com maneiras delicadas no proceder, chegou interessado em determinada obra da codificação...

Neste instante da narrativa os olhos de Tito lacrimejaram discretamente. Ele respirou fundo e, com a voz embargada, prosseguiu:

– Tratava-se de *O evangelho segundo o espiritismo*, cujas lições de amor e fraternidade nele contidas iam contra os meus pensamentos e atitudes. Aproximei-me e indaguei, à queima-roupa, qual era o departamento ou a assistência em que ele estava afeito. Ele polidamente me informou que se tratava apenas de um assistido da área de atendimento espiritual. Disse que, durante a palestra da noite que acabara de participar, a expositora recomendara o estudo do Evangelho. Pelo brilhantismo do tema apresentado, ele se motivou em solicitar a obra para consulta.

Ora, na minha total ignorância e preconceito, chamei-o próximo à porta da biblioteca e, verificando que não estávamos sendo observados por ninguém, disse-lhe que não era bem-vindo ali, dados os seus modos afeminados; que fizesse, então, a delicadeza de procurar outra casa que aceitasse pessoas com aquela postura. O rapaz ficou lívido, abaixou a cabeça demonstrando sua humilhação e, para a minha total satisfação, se retirou sem dizer palavra.

Não demorou muito para eu ser informado do resultado do meu ato irresponsável e preconceituoso. Foi através da sua mãe, que insistiu inúmeras vezes para ter uma audiência comigo, no intuito de saber quem na instituição havia sido tão rude com o seu filho, motivando-o a uma quase bem-sucedida tentativa de suicídio, ingerindo grande quantidade de comprimidos. Socorrido em tempo e depois de ajuda profissional no campo psicológico, o rapaz narrou corajosamente para a sua genitora o ocorrido, informando-a sobre a humilhação a que fora submetido dentro de uma casa

espírita.

Felizmente, para mim, meu mandato não foi renovado. Por manter certas inimizades, em função das atitudes que eu tomava com trabalhadores da instituição, decidi afastar-me desencarnando logo em seguida. Carreguei, seguramente, estruturas mentais doentias, e por muito tempo, cerca de cinco anos aproximadamente, fiquei vagando ao redor da casa onde um dia eu fora presidente. Mas não consegui adentrá-la, tamanha a vergonha que sentia, pela posição arrogante e equivocada que mantive durante tanto tempo, ouvindo acusações as mais diversas de desencarnados como eu, que repetiam incessantemente os deslizes cometidos por mim em relação aos meus semelhantes, apesar de todo o meu conhecimento no campo da doutrina renovadora.

Somente quando me exauri de parte da minha prepotência, pude divisar amigos espirituais que me resgataram daquele inferno autoimposto. Em resumo, meus amigos, essa é a história da minha última experiência no planeta...

Abraçamos o novo amigo sem dizer palavra alguma, transmitindo-lhe nossas vibrações de compreensão por sabermos que os seus desafios para a superação de antigos conceitos eram apenas diferentes dos nossos.



## ATMOSFERA DE AMOR

EM NOSSA VISITA seguinte, fomos liderados novamente pela professora Maria. Minha turma foi destacada para analisar expositores doutrinários numa das grandes instituições em que já havíamos estado. Acompanharíamos o desenrolar dos trabalhos voltados à educação, visitando uma das salas de aula que se responsabilizava pelo processo pedagógico de alunos na faixa etária dos três aos dezoito anos de idade.

Quando desembarcamos do veículo de transporte em frente à casa espírita, o movimento era intenso, por ser um sábado. Várias atividades eram concentradas, visando a atender a um público que não dispunha de tempo extra durante a semana, principalmente aqueles muito jovens, que trabalhavam em horário integral e estudavam à noite.

Nosso grupo foi recebido pelo mentor responsável pelas escolas, o nosso irmão Fredo, que naquele instante dava as últimas instruções para os voluntários da nossa dimensão, os quais serviriam nas classes que lhes foram previamente designadas.

A professora Maria nos apresentou e solicitou a possibilidade de sermos encaminhados para uma das salas, no que foi atendida com grande satisfação pelo mentor amigo. Entramos e de pronto ficamos impressionados com o número expressivo de alunos, tanto no plano físico como no espiritual, extremamente interessados nos assuntos que seriam apresentados,

os quais versavam sobre as faculdades mediúnicas.

Fredo nos apresentou aos responsáveis, Juca e Radamés, que iriam, do nosso plano dimensional, monitorar as expositoras que se preparavam. As voluntárias dividiram a aula em duas partes. Em uma delas seria abordada a mediunidade de maneira geral, cabendo à outra a apresentação das diversas faculdades mediúnicas, dando destaque àquelas mais comumente conhecidas.

A primeira expositora se responsabilizou pela prece inicial e deu início à aula, sendo assistida diretamente por Radamés. De sua parte, Juca procedia às informações do que se passava no nosso plano.

– Vejam, amigos, como a expositora está completamente à vontade, por ter preparado muito bem os pontos a serem abordados. Ela se sente segura, permitindo, dessa maneira, que Radamés possa secundá-la com grande facilidade, utilizando os conhecimentos da querida irmã e unindo a esses os seus, em transmissão inspirativa ou psicofônica.

De fato, presenciávamos um completo envolvimento de Radamés, que em determinados momentos parecia utilizar-se plenamente do aparelho vocal da expositora, a qual apresentava o tema com objetividade e brilhantismo.

Juca, percebendo o interesse de todos, deu continuidade em suas explicações:

– Prestem atenção, agora, na companheira que assiste à aula e aguarda o seu momento para abordar a segunda parte.

Podiam-se observar fios luminosos que se desprendiam do centro de força cardíaco e frontal da outra expositora, os quais eram dirigidos para a colega fortalecendo-a sobremaneira.

Após as observações que realizamos, o mentor amigo retornou dizendo:

– Este é um trabalho que podemos considerar como completamente harmonioso, em que as duas voluntárias, que, aliás, se conheceram este ano, realizam com exemplar dedicação. Notem a importância da sustentação, facilitando o desenrolar dos trabalhos e auxiliando-nos no processo mediúnico inspirativo ou, em muitas vezes, psicofônicos, conforme já informei.

Trata-se de companheiras completamente voltadas ao interesse em servir com Jesus aos nossos jovens sedentos de conhecimento. Agindo assim,

despertam os talentos que aqui se encontram, através do exemplo de amizade e de respeito que infundem na mente de todos nos dois planos dimensionais.

Quando foi encerrada a primeira parte, a segunda expositora iniciou a sua totalmente sustentada em vibrações pela sua colega de trabalho, tendo a assistência espiritual de Juca nesta oportunidade. Ao fim das exposições, ambas abriram espaço para as perguntas dos alunos. Uma praticamente completava a resposta da outra mostrando estarem em perfeita sintonia, num espetáculo abençoado de conhecimento.

Os alunos que se encontravam no nosso plano em determinados instantes utilizavam a inspiração para formularem as suas questões, tendo os alunos da dimensão física como intermediários. Outro aspecto que nos chamava a atenção eram as vibrações luminosas que se faziam no ambiente, sendo emitidas por aqueles corações envolvidos no interesse em aprender, estando sustentados pelas nossas companheiras do plano físico além dos dois mentores.

Quando a aula foi encerrada, com lamentação por parte dos alunos, estes comentavam entre si que mais uma vez as expositoras tinham sido brilhantes, destacando-se pela seriedade e profundo carinho com que os tratavam, despedindo-se, inclusive, pessoalmente de todos.

Depois dos nossos agradecimentos aos novos amigos, Juca e Radamés, retornamos ao Recanto Azul praticamente sem emitirmos palavra, a fim de não deixarmos que aquela atmosfera de amor que continuava a nos envolver, sofresse qualquer interferência.



# NEGLIGÊNCIA E DESCONEXÃO

SEQUER PERCEBEMOS O tempo passar. Quando notamos, já nos encontrávamos em curso no Recanto Azul há mais de um semestre. Foi quando recebemos a informação, através da professora Maria, de que o doutor João Carlos, após análise detalhada do desenvolvimento de cada um dos participantes no curso, orientou que ingressássemos na segunda fase do programa. Passaríamos, então, a monitorar, em primeiro plano, alguns oradores e expositores de uma das casas espíritas selecionadas.

Um dos itens que reforçava a decisão colegiada dos professores era o de que os treinamentos de auscultação mental realizados diariamente pelos estudantes tinham alcançado resultados acima do esperado, capacitando-nos para a tarefa inicial.

Todos os alunos se mostraram exultantes com a notícia. Nossa professora, por sua vez, providenciou uma agenda, por meio da qual soubemos que seríamos separados em duplas e que uma vez por semana cada uma delas se responsabilizaria pelo serviço de monitoração. As outras classes atenderiam também outras duas grandes instituições, porque os resultados apresentados pelos seus integrantes se assemelhavam aos nossos. Para o primeiro evento, fui destacado como companheiro do Manoel, a quem me afeiçoara

rapidamente, enquanto David e Breno, os amigos do Complexo Hospitalar, trabalhariam em conjunto.

No dia convencionado, partimos do Recanto Azul extremamente motivados, apesar dos cuidados que precisaríamos ter em relação à manutenção da alegria sadia, sem excessos prejudiciais às nossas observações, porque o serviço estava apenas começando.

Ao desembarcarmos, um dos servidores da nossa dimensão em atividade na casa recebeu-nos cordialmente e nos acompanhou até uma das salas de palestras reservada para a assistência espiritual especializada no tratamento aos nossos irmãos do plano terrestre que sofriam com os dramas da depressão.

Ao entrarmos no ambiente, Túlio, o dirigente espiritual, nos recebeu com visível satisfação, deixando-nos à vontade depois das apresentações. Informou-nos que já havia recebido da professora Maria o relatório das nossas atividades para aquela noite. Os voluntários reencarnados se encontravam reunidos e prontos para o início das atividades. Foi quando perguntamos a respeito do tarefeiro que acompanharíamos.

O dirigente, com um ar um tanto abatido, respondeu:

– O nosso irmão Celso, expositor da noite, apresenta um problema disciplinar com respeito ao horário e ao preparo do tema a ser abordado, apesar de o responsável pela assistência adverti-lo em mais de uma oportunidade...

Por minha vez perguntei:

– Mas não poderia ser destacada outra pessoa para substituí-lo, uma vez que o companheiro parece ter compromissos outros que o impedem de cumprir com o combinado?

– Às vezes, meu caro Luiz Carlos, a própria casa não dispõe de tantos tarefeiros como gostaria, apesar de este caso não se enquadrar no ensinamento de Jesus que já alertava para o problema: “A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros.”

Fiquei sem entender, mas Túlio discretamente continuou:

– O nosso irmão Celso nutre amizade de longa data com um dos diretores desta instituição e usa esse predicado para se livrar dos problemas ocasionados pela sua indisciplina, sem que o mencionado diretor tenha

conhecimento dessa atitude do amigo.

Estava, pois, muito clara a situação como um todo. Tanto eu quanto Manoel agradecemos os pormenores e passamos às nossas observações.

A prece foi realizada pelo dirigente dos trabalhos e acompanhada por todos nós, os servidores da dimensão espiritual. Em seguida, um dos trabalhadores abriu a porta do salão permitindo a entrada dos assistidos, muitos deles acompanhados por entidades desencarnadas que sequer tinham consciência de onde se encontravam, sendo esses inicialmente atendidos pelos irmãos da nossa esfera.

Túlio esclareceu-nos:

– Os assistidos que procuram esta casa abençoada, pela enfermidade em que se encontram, associam-se, em regime de obsessão, com aquela considerada na maioria das vezes como oportunista; ou seja, os espíritos que os acompanham são atraídos vibratoriamente pelas ondas mentais negativas em densidade semelhantes àquela em que se habituaram a viver.

– São muitos esses casos, Túlio? – perguntou Manoel.

– Bem, aqui nós temos de tudo um pouco. Processos depressivos por ação de obsessores, que procura fazer justiça valendo-se de conceitos distorcidos a respeito do que seja ser justo; obsessores que são oportunistas, como já foi observado, e, ainda, desencarnados que vivem quadros doentios sem entenderem que já se encontram em outra dimensão, ligando-se aos seus familiares ou amigos. Acabam, assim, por transferência, adoecendo aqueles entes queridos, incautos que são por total invigilância de pensamentos.

Notem que nada ocorre por acaso, porque é da lei a condição da atração. Assim, caminharemos junto daqueles com os quais nos retroalimentamos mentalmente, de acordo com os desejos que nos são mais íntimos. Dentro dessa lógica simples e objetiva, dividiremos o que temos de melhor ou de pior com os que se nos assemelham, em troca constante e justa.

O dirigente espiritual não deu continuidade, porque o expositor da noite entrou um tanto esbaforido naquele instante. Após uma prece em que lhe faltou maior concentração, postou-se diante do público e, como não havia conquistado a necessária tranquilidade para que pudesse concatenar as ideias, abriu *O evangelho segundo o espiritismo*, no capítulo 5, item 23, intitulado “Os tormentos voluntários”, assunto previamente agendado para

a reunião. Sem demonstrar motivação, começou a fazer a leitura.

Pelo seu completo despreparo, aliado à indisciplina do horário e à prece realizada proforma, cuja ligação com o Alto e conosco praticamente era nula, o expositor buscava um ponto onde se ancorar para realizar os comentários. A monotonia, com efeito, seria a tônica da sua palestra.

Diante da nossa inexperiência em poder socorrê-lo, solicitamos a intervenção do Túlio, que foi imediata, envolvendo o orador e insuflando palavras de conforto para que fossem transmitidas para a assembleia necessitada. O processo foi feito com imenso grau de dificuldade e esforço por parte do dedicado dirigente, até porque tanto eu quanto o Manoel nos sentíamos despreparados para aquela eventualidade.

Mas, apesar das dificuldades extremas, após vinte minutos de palestra os assistidos passaram a ser encaminhados para a sala de fluidoterapia.

Aproximamo-nos, então, de Túlio, quando Manoel iniciou dizendo:

– Creio que precisamos nos desculpar, porque não tivemos a iniciativa de intervir naquele momento, por faltar-nos ainda segurança.

– Absolutamente, amigos; as desculpas são desnecessárias! Vocês devem ter em mente que estão em treinamento. Ademais, o quadro de hoje foi um tanto mais extremado que o de outros dias e já havíamos sido alertados sobre o estado mental em que o Celso se encontrava, através de um enviado nosso destacado para ir buscá-lo no seu escritório.

– Creio que boa parte dos assistidos percebeu que ele não havia preparado o tema, porque ele ficou, em muitos momentos, dando voltas em torno do mesmo ponto – observei.

– Você está coberto de razão, Luiz Carlos. O dirigente dos trabalhos observou com maior objetividade a ocorrência desta noite e certamente providenciará a escalação de outro orador, um que atenda o mínimo do que lhe é proposto dentro da sua atividade. Sugiro que você e o Manoel observem um pouco mais, enquanto dou algumas orientações para a nossa equipe de atendimento emergencial na sala de fluidoterapia.

Assim que Túlio se retirou, fizemos uma auscultação mental no expositor, que se encontrava sentado em frente ao público. Pudemos constatar que os seus pensamentos estavam completamente desconectados com a atividade realizada no ambiente. Encontravam-se voltados para os negócios no seu

escritório e para a nova e bela assistente que fora contratada, a qual despertara seus interesses mais escusos. Isso tudo se passava no seu quadro mental até a sua atenção ser voltada para uma das jovens presentes, que acompanhava uma senhora extremamente enferma.

Manoel, que também se mantinha atento, observou:

– A melhor medida aqui é o isolamento energético do nosso irmão, para que suas vibrações desconectadas das propostas da assistência não terminem por interferir e macular o ambiente.

Rapidamente unimos nossos pensamentos e iniciamos uma operação magnética, utilizando do amplo arsenal de ectoplasma que se encontrava no ambiente para criar uma espécie de redoma em torno do incauto expositor.

Túlio retornou à sala onde nos encontrávamos e, ao verificar a cena, disse:

– Vejo que os amigos agiram corretamente e agradeço o auxílio prestado. Vamos agora acompanhar os demais trabalhadores. Assim vocês poderão dar continuidade às análises das assistências que estão sendo levadas a efeito.



# APROFUNDANDO CONHECIMENTOS

A SALA DE fluidoterapia na dimensão física primava pela simplicidade; uma música harmoniosa de fundo aumentava o estímulo à paz e à meditação. Dois grupos de médiuns se reuniam em círculos e, no centro de cada um deles, um assistido encontrava-se recebendo o passe, que era ministrado pelo dirigente dos trabalhos.

Na dimensão espiritual, aparelhos sofisticados faziam parte do processo de higienização, emitindo fortíssimos feixes de energias luminosas, eliminando miasmas mentais retirados dos assistidos que estavam sob tratamento, enquanto trabalhadores do nosso plano atendiam os espíritos que se encontravam ligados aos nossos irmãos encarnados.

Túlio chamou-nos a atenção para observarmos o estado dos espíritos necessitados que lá se encontravam. Ao lado do primeiro grupo de médiuns, sobre uma maca, podíamos divisar uma entidade que se debatia, num misto de desespero e de dor, apresentando, no seu perispírito, marcas de queimaduras profundas. O dirigente espiritual, aproximando-se, informou:

– Deixamos estes casos mais delicados para atendermos no final das

atividades, dada a necessidade de aumentarmos o tempo na terapia energética. Este nosso irmão, que observamos agora em profunda inconsciência, desencarnou através do suicídio, derramando gasolina sobre o corpo e ateando fogo. No desespero em que se encontrava após a saída violenta do veículo carnal, vinculou-se ao familiar com o qual tinha maior afinidade e que ora recebe a fluidoterapia.

– Perdão, Túlio, pela interrupção, mas o encarnado que recebe a assistência tem alguma responsabilidade em relação ao ocorrido? – questionou Manoel.

– Excelente pergunta, meu caro! Quanto ao fato em si, não; porém, é responsável direto pela invigilância dos seus pensamentos que, viciados na desforra de prejuízos sofridos com um dos seus sócios nos negócios um tanto escusos em que se envolvia no ramo de vendas de veículos, muitos deles roubados, criou uma ponte vibratória com o irmão desencarnado, o qual, por sua vez, suicidou-se por problemas de natureza financeira, quando descoberto em falcatruas na empresa onde trabalhava. De certa maneira, semelhante sempre atrairá semelhante, seja essa atração consciente ou não.

– Esses processos de separação costumam ser longos? – perguntei.

– Este já se encontra no final da terapia. O irmão suicida será transferido agora para o posto de socorro que mantemos nesta casa e, posteriormente, para uma colônia próxima, que se encarregará da necessária reencarnação após largo tempo de internação.

– Quanto ao assistido que ora se apresenta com um quadro depressivo...

– Bem, Luiz Carlos, a enfermidade implantada no encarnado não está vinculada somente ao irmão inconsciente e necessitado. O assistido em questão traz no seu íntimo culpas por negócios lesivos realizados com clientes completamente incautos.

– Mas ele tem a exata noção sobre os prejuízos que promove? – voltei a indagar.

– Ele considera que está apenas levando pequena vantagem sobre os ingênuos. Todavia, esse procedimento é o suficiente para entrar em choque direto com as virtudes potenciais do espírito, estruturadas no pleno amor. Na verdade, não conseguimos enganar a nós mesmos, podendo, por apenas certo período de tempo, encobrirmos no nosso psiquismo os desacertos da

jornada. Mas eles estarão lá, necessitando do ajuste, demore o tempo que for.

No caso em questão, dado que os problemas se acumulam, os mencionados choques já se materializam na estrutura cerebral através da descompensação química, produzindo a enfermidade depressiva. Poderíamos acrescentar que o afastamento do irmão suicida vai minorar o problema, mas não o solucionar nesta existência. A cura dependerá do aprendizado que a enfermidade traz em seu bojo, com a consequente reparação dos danos causados a outrem diante das leis da vida. Somente a prática do bem desestrutura as muralhas da dor que levantamos ao nosso redor, apaziguando a nossa consciência e nos curando definitivamente. Vamos agora ao segundo grupo de atendentes? – convidou o dirigente.

O assistido recebia a fluidoterapia enquanto três entidades desencarnadas que se encontravam próximas, em total alienação, se beneficiavam das vibrações, as quais, em regime de transferência, eram administradas ao encarnado. O estado dos espíritos era deplorável, verdadeiros farrapos humanos acorrentados magneticamente um ao outro, com os olhos saltados fora das órbitas balbuciando palavras completamente desconexas que demonstravam profunda infelicidade.

Túlio sinalizou para que fizéssemos uma breve auscultação mental nas entidades. Tanto eu quanto o Manoel iniciamos o procedimento e, para espanto nosso, os três irmãos mantinham um regime de sintonia única. Pensamentos se enfileiravam de um para o outro como se fossem produzidos por uma única mente.

O profundo abatimento provinha da morte por overdose de heroína, dadas as imagens claras que nos eram apresentadas na tela mental deles. Já a ligação com o assistido que ora recebia a fluidoterapia se dava pela necessidade da vampirização do produto.

Túlio veio neste instante atender-nos na curiosidade.

– Vocês certamente notaram que o nosso irmão apresenta os quadros depressivos pelo uso da substância opiácea. Em processo adiantado de consumo, esta não mais lhe causa a satisfação dos primeiros momentos, conforme já é largamente pesquisado pela ciência do planeta. Esta, porém, não considera que os desvios apresentados pela criatura que se encontra

estagiando no corpo de carne sejam advindos, em muitas oportunidades, do envolvimento desse espírito com outros que lhe partilham as enfermidades, estando eles encarnados ou não. Trabalhando somente com os efeitos e desprezando a causa, que é o espírito conforme mencionei, apesar da orientação objetiva desde Hipócrates, que procurava entender o ser humano como um todo, apresentam terapias que funcionam apenas como o curativo na ferida, ao passo que somente a educação da criatura poderá eliminar de fato a possibilidade de a enfermidade ser instaurada. Trata-se de um processo completo de verdadeira medicina preventiva que, aliás, está à nossa disposição há mais de dois mil anos, quando Jesus brindou-nos com o seu Evangelho de amor.

E continuou o dirigente:

– Sem considerar, ainda, que os espíritos poderão trazer tendências de experiências transatas, não descartando, logicamente, aquelas que, por vontade própria, poderão ser implantadas na existência presente, sendo exatamente o caso desse nosso irmão assistido. Por modismo e falta de cuidados com as companhias ditas amigas, terminou por envolver-se com a heroína, viciando-se seriamente e servindo agora de repasto para as entidades que o acompanham, completamente alienadas da realidade, precisando apenas do encarnado para obterem alguns instantes de prazer quando do processo de vampirização que promovem.

– Esse tratamento será longo, Túlio? – questionou Manoel.

– Estamos em fase adiantada, uma vez que o encarnado suspendeu, a duras penas, depois de uma internação em clínica especializada, o uso da substância. Por se tratar de uma instituição com fundamento espírita, após a alta ele foi encaminhado para esta casa, onde recebe, em paralelo, a terapia magnética adequada ao fortalecimento perispirítico com influência sobre o seu cérebro. Isso tudo, em regime de ligação atômica com o corpo físico, termina por acelerar os efeitos produzidos pela medicação, a qual, no seu caso, torna-se indispensável. Enquanto isso, os seus acompanhantes espirituais são atendidos. Com o passar do tempo, serão também desligados e encaminhados para a terapia de profundidade.

– A medicação alopática neste irmão, Túlio...

– Percebo onde você quer chegar, Manoel. Quando nos ferimos mais

seriamente com algum objeto cortante, temos de nos dirigir ao pronto-atendimento de um hospital, precisando de sutura e demais complementos, correto?

– Sim, mas...

– Quando implantamos no corpo denso a enfermidade, temos, igualmente, de utilizar do que a medicina dispõe entre tantas terapias ditas complementares, para que possamos restabelecer o quadro orgânico, uma vez que materializamos no corpo as vibrações desequilibradas que marcam o perispírito.

– Entendo, Túlio. Que bom seria se já nos encontrássemos educados pelo Evangelho... – disse por minha vez.

– Neste dia, estaremos na condição de espíritos evoluídos, porque, enquanto nos encontrarmos em posição de necessitados de provas e expiações, a enfermidade fará parte de nós como agente saneador dos nossos desequilíbrios. Claro que não é obrigatória a evolução pela dor, quando temos a possibilidade que ela ocorra pelo amor, contudo...

Não resisti e entrei naquele instante com o bem brasileiro: “pois é”...



## RECEPÇÃO CONFORTADORA

DESPEDIMO-NOS DO TÚLIO e demais colaboradores do nosso plano retornando, em seguida, para o Recanto Azul. Ao chegarmos, a professora Maria veio nos recepcionar alegremente dizendo:

– Olá! Como vocês foram os últimos a retornarem de suas atividades, decidi verificar se estavam precisando de algo...

Manoel adiantou-se respondendo:

– Não, obrigado, professora! Muito gentil da sua parte nos receber. Demoramos um pouco mais, porque o dirigente dos trabalhos nos convidou para a observação de um tratamento especializado, que é realizado com os assistidos em maior exposição à influência espiritual.

– E você, Luiz Carlos, o que achou?

– Bom, foi proveitosa a incursão, porém...

– Porém...

– Eu diria, com certa ponta de desagrado, que a experiência foi frustrante nos objetivos que nos foram propostos, professora...

– É patente em seu perispírito e o próprio Túlio me informou a respeito do ocorrido. Exatamente por isso decidi vir recebê-los, para que possamos trocar algumas impressões a respeito. O que acham?

– Bastante confortador! Se o meu colega não fizer objeção, posso relatar as minhas impressões – observou Manoel.

– De maneira alguma, amigo! Vá em frente! – respondi.

– Em relação aos nossos objetivos, considero que falhamos com o expositor, porque sequer conseguimos uma aproximação para inspirar-lhe algumas palavras. Se não fosse a intervenção do Túlio, a palestra assistencial poderia ter sido um completo desastre, não só pela monotonia como também pelo despreparo do voluntário, a começar pela ligação não ocorrida com a prece.

– Pelo que vejo, o Luiz Carlos partilha dessa mesma opinião.

– Completamente, professora...

– Muito bem. Inicialmente nós precisamos avaliar as questões relacionadas à sintonia, que não é somente de responsabilidade dos amigos espirituais que se encontram no ambiente, cabendo também aos voluntários do plano terreno o esforço nesse sentido. Num processo de conjunção, o alinhamento entre os trabalhadores das duas dimensões passa por diversas fases, a começar pelos propósitos desses trabalhadores.

Esse processo se inicia com o real desprendimento dos afazeres do dia, bem como de quaisquer outras atividades posteriores ao serviço que será realizado. Simplificando: quando adentramos a sala de reuniões, temos por responsabilidade nos mantermo concentrados e serenos, atitude que deverá ser cultivada durante todo o dia de trabalho, a fim de que a ligação mente a mente se faça com o menor nível de comprometimento possível.

Na esfera física, não se descartam os cuidados relativos à alimentação, que deverá ser a mais frugal e saudável possível, evitando-se o consumo de carnes ou de outros produtos de difícil digestão, os quais terminam por promover o desconforto dos nossos irmãos, influenciando diretamente na concentração. Além disso, há os cuidados com as horas de descanso. A quantidade não é tão importante, mas sim a qualidade, porque dormir bem não significa necessariamente dormir muito.

Ainda há outros fatores, por exemplo, aquele relacionado à medicação, que porventura o medianeiro esteja utilizando em regime de regularidade. Dependendo da droga e da dosagem, isso poderá causar certa influência no procedimento, o que tende a ser neutralizado com a atuação dos mentores espirituais, não o medicamento em si, mas o desconforto que ele possa

produzir, porque não será conveniente que o voluntário deixe de cuidar de sua saúde, dada a responsabilidade que lhe cabe em relação ao corpo que utiliza, verdadeiro vaso sagrado de oportunidade e de realização na experiência terrena.

Não podemos deixar de considerar, ainda, as questões relativas ao estudo continuado da doutrina e de outros assuntos, uma vez que o expositor ou orador não deverá prescindir dos recursos que lhe são oferecidos pelas ciências e mesmo por todos os movimentos que são produzidos no planeta através do esforço que a sociedade realiza com vistas ao progresso. Lembremos, neste ponto, a recomendação do Apóstolo dos Gentios, na primeira missiva aos Tessalonicenses 5-21: “Examinai tudo. Retende o bem!”

Diante desses pequenos apontamentos, como poderemos nos fazer integralmente úteis, quando o tarefeiro não apresenta qualquer esforço em relação aos cuidados exigidos para a atividade a que se propõe? Não seria o mesmo que oferecer o pão ao faminto orgulhoso, que não o aceita?

– Analisando sobre esse ponto de vista, professora, sinto-me um pouco mais animado – disse Manoel.

– Eu também, porque a assistência ao expositor, que não conseguimos realizar, causou-me uma sensação desagradável de incompetência, uma vez que precisamos acionar o dirigente das atividades para que ele pudesse nos socorrer. Creio que o Manoel partilha desse sentimento, não?

– Não poderia ser diferente, Luiz Carlos – endossou Manoel.

– Compreendo... Contudo, tenhamos cuidado para que o nosso orgulho não esteja à frente do aprendizado. Vocês e os demais alunos estão em fase de treinamento; logo, essas ocorrências são naturais e deverão ser amparadas pelos dirigentes de nossa dimensão, responsáveis diretos pelos trabalhos assistenciais nas casas espíritas visitadas. No caso do nosso irmão Túlio, não foi a primeira e nem será a última vez que ele atua junto aos alunos que estagiam nas lides, visando ao exercício prático nas casas espíritas. Vale lembrar que o próprio dirigente que os socorreu na atividade recém-realizada foi aluno da nossa escola há muitos anos. Somente com o passar do tempo e em virtude da experiência necessária é que foi guindado à posição de dirigente – tranquilizou-nos

a professora.

– Maria, falta-nos palavras para agradecê-la... Para nós é bastante confortador esse apontamento, não, Manoel?

– Sem dúvida; concordo plenamente com você!

– Bem, como vocês estão sem palavras, o melhor a fazer é irmos nos refazer um pouco, porque amanhã teremos um dia repleto de atividades – encerrou a nossa professora fazendo-nos sorrir.



## PERGUNTAS E RESPOSTAS

NO DIA SEGUINTE, a nossa aula iniciou-se nos padrões normais, com a professora encarregando-se da prece inicial e da leitura de um pequeno trecho de *O evangelho segundo o espiritismo*, no seu capítulo 15, “Fora da caridade não há salvação”. Com brilhantismo, foram comentados sinteticamente os itens 6 e 7: “Necessidade da caridade segundo são Paulo”.

Na sequência, nossa estimada Maria informou que receberíamos a visita de um dos residentes do Recanto Azul, o senhor Oscar, responsável por uma das instituições espíritas da colônia. Ele chegou em seguida, saudando-nos a todos com simplicidade e agradecendo a oportunidade de ser útil.

Simpatizamos de imediato com aquele ancião, aparentando cerca de oitenta de idade, apesar de transparecer a energia de um jovem de dezoito anos. Com os seus cabelos prateados e estatura alongada, gestos tranquilos, irradiava profunda humildade e alegria contagiante, vendo-nos de maneira peculiar.

Após breve apresentação, colocou-se disponível para os questionamentos dos trabalhos realizados na instituição que dirigia na dimensão espiritual. Conforme já era do nosso conhecimento, confirmava que o Recanto Azul contava com três instituições espíritas, já incluindo a escola que

frequentávamos. Tal como várias outras colônias, notava-se a diversidade de templos ou agremiações religiosas visando a atender a população em sua pluralidade, tal como se vê em algumas cidades do plano terrestre.

Uma das alunas, Dalva, foi quem iniciou os questionamentos:

– Senhor Oscar, como estamos em treinamento para atuarmos junto aos nossos irmãos encarregados do serviço de exposição nas respectivas áreas de ensino e também junto aos oradores de tribuna ligados à assistência espiritual, gostaria que o senhor nos explicasse como funcionam, na nossa dimensão, esses trabalhos nas casas espíritas.

– Sem os formalismos do ‘senhor’, minha jovem amiga. Bem, não poderíamos dar saltos nas questões evolutivas, inclusive neste trabalho ao qual vários irmãos nossos se candidatam. Muitos deles já faziam parte das mesmas atividades quando se encontravam reencarnados e continuam, no nosso plano dimensional, oferecendo-se voluntariamente para esse tipo de tarefa. Assim, o processo inspiracional, se posso defini-lo dessa maneira, funciona igualmente para os medianeiros, que receberão a assistência dos mentores amigos da dimensão superior, conforme o grau de evolução e sintonia de cada um.

Não podemos olvidar que o dia de trabalho e o comportamento mental dos expositores e oradores, durante as suas respectivas atividades diárias e rotineiras na nossa colônia, devem respeitar os mesmos cuidados já conhecidos para esse grupo de tarefeiros, a fim de que a assistência espírita não sofra as interferências pelo descuido da vigilância. Ilustrando o que estou dizendo, suponham que alguns de nossos expositores tenham atividades no Centro de Recepção de irmãos recém-desencarnados, uma atividade com duração de oito horas de serviço diário. Considerem, ainda, que logo após, eles se dirigem à instituição onde estou atualmente com a responsabilidade de direção, para atenderem os seus compromissos junto às classes de evangelização, às reuniões públicas e também às assistências especializadas.

Pois bem. Nesse cenário, o esforço em nos reformarmos interiormente, a vigilância, o estudo sistematizado, o cultivo da prece, da parte de cada trabalhador, seja qual área se vincule, seguem os mesmos padrões de quando nos encontrávamos encarnados, até porque, conforme constatado por nós,

com as devidas exceções, para não generalizarmos, pouca coisa mudou com a transferência de plano dimensional.

Após pequena pausa feita pelo dirigente, Breno, que se encontrava ao nosso lado, apresentou sua pergunta:

– Oscar, dentro do que você acaba de explicar, significa que encontraremos muitas pessoas, no Recanto Azul, que sequer têm noção de que se encontram desencarnadas, é isso?

– Não é exclusividade desta colônia, meu caro. Muitos dos nossos frequentadores nas palestras públicas que oferecemos estão em contato com a doutrina espírita pela primeira vez e, assim, buscam os esclarecimentos do Evangelho redivivo para lhes servirem quando reencarnarem, porque somos herdeiros de milênios em religiões ditas tradicionais; então, não será difícil retornarmos para o que estamos habituados. Não que essa atitude se encontre em desalinho com as leis de amor do nosso Pai, porque, no final, o importante é o bem que fazemos e não o rótulo que costumamos carregar.

Temos, no Recanto Azul, igrejas de denominação católica, protestante, budista, evangélica, entre outras, tal como as casas espíritas. Recordo-me do nosso estimado Francisco Cândido Xavier, que infelizmente não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente durante a minha estada planetária, mas pude ler várias de suas entrevistas e também livros escritos a respeito da sua iluminada trajetória. Em certa feita, ele mencionou, com aquele seu jeito simpático e mineiro, que os espíritas iriam se surpreender com aquilo que encontrariam no plano espiritual, crendo erroneamente que haveriam significativas diferenças em seu favor. Alguém aqui foi surpreendido por alguma situação que se diferenciava de forma brutal daquela vivida no planeta, com pouquíssimas e raras exceções em matéria de tecnologia, claro, a ponto de algo ter sido adaptado às nossas necessidades?

Todos responderam o óbvio, demonstrando, com clareza, a literal condição de a vida continuar sem mudanças bruscas.

– Então, meus amigos, como violentar corações e mentes, quando o próprio Jesus nos deu o exemplo máximo, não impondo o seu Evangelho de amor para quem quer que fosse?

Não resisti, nesse momento, e questionei:

– Encontramos casos em que assistidos e mesmo alunos sejam despertados

na condição em que se encontram, ou seja, desencarnados?

– Sim, não todos, logicamente. Nesse caso, vale o mesmo cuidado de quando nos encontrávamos no planeta em experiência reencarnatória: respeito ao nosso semelhante. Porque violentá-lo, querendo impor certas circunstâncias do que aceitamos como racional em matéria de religião, pode não lhe auxiliar em coisa alguma, produzindo mais dúvidas do que certezas e abalando, por vezes, a fé que está em início de exercício.

Um exemplo: no bairro onde eu residia, numa das grandes cidades brasileiras, a predominância era de irmãos nossos voltados para o judaísmo. Sempre me relacionei muito bem com vários dos moradores; alguns deles, inclusive, sabiam da minha posição como espírita e tinham por mim profundo respeito. Igualmente, eu me dedicava a respeitá-los em seus pontos de vista; afinal, para que discutir, quando podemos simplesmente servir à causa do bem?

Não descartaremos a possibilidade de observarmos e apresentarmos o Evangelho em sua pureza original quando solicitado. Todavia, com o cuidado de não fazermos proselitismo ou agredir consciências alheias. Isso não significa, obviamente, que iremos nos acomodar com a desculpa do proselitismo e não divulgaremos a doutrina espírita, o que seria incorrer em equívoco, porque o próprio Jesus nos ensinou: “E ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram vejam a luz.”

Estávamos no meio da aula e as mãos não cessavam em levantar. A professora informou-nos sobre o intervalo, após o qual, daríamos seguimento ao nosso programa de perguntas e respostas.



## INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A MAIORIA DOS alunos continuou em sala, aguardando ansiosamente para o instrutivo esclarecimento. Ana, uma de nossas colegas, reiniciou os questionamentos:

– Oscar, como são realizados os atendimentos nas assistências especializadas em processos obsessivos?

– Minha cara, não sofremos solução de continuidade quando comparamos os serviços que prestamos aqui na nossa dimensão com aqueles realizados nas instituições espíritas existentes no planeta. A exposição de natureza evangélica será prestada da mesma maneira, porque obsessões também ocorrem entre desencarnados, conforme sabemos, através das correntes mentais, em que o assistido da vingança atua à distância em verdadeiros processos hipnóticos sobre o enfermo da culpa.

Então, o voluntário da palavra estará agindo sobre o assistido e, em virtude da ligação mental estreita entre obsessor e obsedado, ambos estarão recebendo o esclarecimento necessário, considerando, ainda, que os amigos espirituais de dimensão mais elevada, dependendo da necessidade, atenderão diretamente o irmão que está atuando à distância, buscando fazer justiça de acordo com as suas limitadas concepções.

Nos casos em que ambos os assistidos (obsessor e obsedado) se encontrem no Centro de Recepção ao qual eu me referi há pouco, depois da terapia necessária, e dependendo de como se encontram consciencialmente, ambos serão assistidos em serviços de natureza semelhante aos demais, com evangelização e fluidoterapia, porém, separados fisicamente, se assim for necessário.

Manoel aproveitou para lançar a sua pergunta dentro do ponto que estava sendo abordado:

– Você mencionou a posição consciencial dos assistidos. Poderia ser mais específico?

– Com certeza! Existem eventos que saem completamente do atendimento considerado habitual, tal como descrevemos, porque envolvem procedimentos subjugatórios, parasitários ou possessivos. Nesses casos, deverão receber terapia de longo curso, sendo esses nossos irmãos alojados em unidades especializadas. Por sua vez, o Evangelho será também apresentando a esses infelizes companheiros, muitas vezes através da musicoterapia.

– Musicoterapia? – perguntei sem que tivesse atinado que pensava alto.

– Exatamente! Todos os elementos utilizados numa comunicação carregam suas vibrações. Assim, se estamos lendo uma página com ensinamentos que nos tocam mais profundamente nossas potencialidades do amor e do perdão, verificamos que as palavras carregam a energia de quem as escreveu. Com a música também se dá o mesmo; contudo, para o tratamento, ela é imantada pelas vibrações superiores dos amigos espirituais de esferas mais elevadas que as produziram, tomando o cuidado de inserirem os conceitos do Evangelho dentro das melodias.

Enquanto o enfermo estiver em regime de internação nessas unidades especializadas, sentirá o efeito do som ambiente, que carrega verdadeiras expressões de amor, paz, perdão e confiança em Deus. Uma linguagem não articulada diretamente, mas conduzida através das ondas sonoras como se fossem mentes em transmissão direta da mensagem. Muitos assistidos, depois de certo tempo de assistência, chegam a afirmar que ouvem palestras inteiras enquanto uma música suave se apresenta como fundo. Outros informam, ainda, que têm a impressão de estarem vendo as passagens

mencionadas na exposição, quando do período em que Jesus esteve entre nós há mais de dois mil anos.

– E isso acontece de fato? – perguntou outro colega.

– Sim, porque as transmissões carregam em seu bojo os efeitos audiovisuais. Basta que recordemos como atuava Jesus diante da multidão que o cercava quando de suas palestras, desprovidas, por conta da época, de equipamentos que lhe ampliassem o som de sua divina voz. Todo o procedimento era transmitido, ao mesmo tempo, pelas vias mentais, de modo que o indivíduo presente ficava com a impressão de estar ouvindo a mensagem pelos órgãos auditivos do corpo físico e, no caso da projeção das imagens, pelos mecanismos da imaginação. Como um teste, em muitas oportunidades não somos atendidos por Ele nas nossas rogativas, tendo a impressão exata de ouvirmos as orientações e conselhos e vermos cenas que se desdobram na nossa mente?

– Mas isso não pode ser fruto mesmo da nossa imaginação, Oscar? – perguntou desta vez David.

– Claro que será possível, porque experiências da existência atual ou das precedentes encontram-se armazenadas em nós, seja no subconsciente atual ou no profundo. Todavia, à medida que vamos nos exercitando, alcançamos a possibilidade de discernir o que é nosso, ou seja, a intuição, do que é externo, a inspiração.

Nesse momento, a professora Maria precisou nos informar que o nosso convidado teria de visitar outras classes ainda, o que gerou carinhosos protestos de todos para que ele continuasse conosco.

Ao se despedir, com a humildade que lhe era característica, Oscar disse:

– Sou grato pela oportunidade que a professora Maria e todos vocês me concederam de trazer algumas informações, que tenho certeza que muitos dos presentes já conhecem, mas que é sempre importante reiterar. Mais uma vez, agradeço pela atenção, rogando a Jesus que nos abençoe e nos sustente diante das propostas de participar de Sua seara. Muita paz!

As palavras finais de Oscar eram tão carregadas de vibrações amorosas que ficamos envolvidos numa atmosfera luminosa de paz, na certeza de que um dia amaríamos plenamente o semelhante como a nós mesmos.



## CORAÇÃO NOBRE

NUM PISCAR DE olhos, uma semana já havia transcorrido e retornávamos à instituição espírita na companhia de Manoel para o serviço assistencial dirigido pelo nosso irmão Túlio. Nessa oportunidade, o estimado dirigente solicitou que acompanhássemos uma jovem expositora em seu trabalho de apresentação do capítulo 23 de *O evangelho segundo o espiritismo*, intitulado “Moral estranha”.

Túlio nos deu as orientações iniciais a respeito do tema. Mas ao nos aproximarmos da voluntária, sentimos que sua aura emitia *flashes* tão luminosos, com um suave perfume de jasmim, que demonstrava a alegria que ela experimentava pela oportunidade de servir.

Eu e o Manoel dividiríamos a nossa atuação em duas partes, sendo dado ao meu colega o início da palestra cabendo a mim a análise dos acontecimentos e a sustentação vibratória.

A oradora, cujo nome era Sônia, apresentou-se para os assistidos e convidou-os para a prece inicial, elevando o padrão mental. Muitos dos presentes emocionaram-se com a simplicidade e profundidade da rogativa ao Senhor de nossas vidas. Com efeito, uma luz prateada cobriu-nos a todos, trazendo-nos uma paz indescritível. Logo após, os serviços assistenciais foram iniciados.

Podíamos constatar o atendimento aos assistidos dos dois planos pelos

amigos espirituais, que se encarregavam da fluidoterapia, incluindo o uso de aparelhos que emitiam uma luminosidade suave, porém constante, desintegrando miasmas mentais de grande parte daqueles que estavam em tratamento.

Manoel deu-me discreto sinal para iniciarmos as nossas atividades, assim que a expositora encerrou a leitura de um breve trecho preparatório do capítulo já mencionado. Tudo acordado, o meu colega aproximou sua destra do centro coronário da jovem, que assimilou automaticamente suas influências energéticas. Tive mesmo a impressão de que um *plug* havia sido inserido, tamanha a facilidade apresentada por ambos os trabalhadores. Ela passou à abordagem do tema em tamanha sintonia com Manoel, que em determinados instantes eu não saberia dizer quem de fato falava, se ela própria ou se ele, utilizando-a como se fosse seu equipamento de transmissão direta dos pensamentos.

O público presente era tocado pelas emoções amorosas daqueles corações que serviam em conjunto, oferecendo maior facilidade para os operadores da nossa esfera em assisti-los convenientemente. Até mesmo os mais resistentes gradativamente se deixavam envolver na atmosfera amorosa sustentada pelas lúcidas palavras da expositora que, apesar da juventude, demonstrava muito esforço no conhecimento científico, unindo-o aos ensinamentos do Cristo, oferecendo, assim, um pouco de tudo para todos, atendendo as mais diversas expectativas.

Eu me mantinha com os pensamentos tão elevados que não percebi o tempo passar. Por isso, Manoel chamou-me para me aproximar exatamente no instante em que a oradora deu uma pequena pausa para atender às perguntas de alguns dos assistidos. Estes, aliás, mantinham completo interesse na abordagem, considerando que o serviço assistencial permitia a participação daqueles que apresentassem alguma dúvida ou que, por vezes, quisessem fazer um pequeno relato de suas experiências. A paciência com que a Sônia ouvia e respondia aos questionamentos, às vezes muito simples, contagiava ainda mais os participantes, que demonstravam profundo respeito pela maturidade espiritual da voluntária.

Quando me acerquei dela, procedi tal qual o meu colega em ligação perispirítica, notando que eu estava sendo completamente assimilado

energeticamente pela nobre trabalhadora, cuja clarividência lhe permitiu a minha identificação de imediato.

Curioso é que, quando Sônia retomou o tema depois das respostas oferecidas, pude constatar o volume de informações de que era portadora. Um farto material pesquisado não somente envolvendo o assunto que estava sendo tratado, mas também o estudo sistematizado da doutrina espírita; vinha recheado de informações científicas comprobatórias de muitos pontos abordados pelo codificador e seus continuadores. De fato, tínhamos na nossa companheira, não somente a estudante aplicada como também um espírito que dava continuidade, na presente encarnação, ao seu projeto de reformulação interior.

De minha parte, na simples atividade a que me propunha em virtude das minhas limitações, encontrava grande facilidade em sustentá-la vibratoriamente. Utilizando do seu material armazenado, unia a ele alguns dos meus conhecimentos e práticas na dimensão em que me encontrava. Com isso, pude vivenciar, em determinado momento, a experiência de literalmente falar aos nossos irmãos encarnados como se utilizasse do aparelho fonador da respeitável expositora, dada a sintonia completa em que nos encontrávamos.

Logo chegávamos ao fim da abordagem e nos dirigíamos para a prece final, sendo mais uma vez de tamanha elevação por parte da jovem que todos nós nos emocionamos pelas vibrações de gratidão apresentadas por aquele coração bondoso. Antes que ela se retirasse da pequena tribuna, identificou-nos novamente pela clarividência e, com um sorriso discreto, agradeceu a mim e ao meu colega pela oportunidade de termos trabalhado em conjunto na causa maior do bem em favor dos nossos semelhantes.

Confesso que não consegui segurar as lágrimas de alegria que teimavam em cair, não apenas pela oportunidade da tarefa com a abnegada irmã, mas principalmente por ter sido útil na Seara de Jesus, apesar das minhas acanhadas possibilidades.



## AÇÕES CONTRÁRIAS

RETORNAMOS AO RECANTO Azul sentindo-nos satisfeitos e felizes pela realização do serviço junto à nossa irmã Sônia, pedindo a Jesus e aos bons amigos responsáveis pelas tarefas da iluminada colaboradora que a circundasse de bênçãos, sustentando-a em sua presente reencarnação.

Mas um pouco depois que desembarcamos, nos encontramos com o Breno e o David, que conversavam demonstrando certo abatimento.

Manoel, adiantando-se, perguntou:

– Está tudo bem com vocês, amigos?

Breno, que se mostrava um pouco menos abatido, respondeu:

– Dentro das possibilidades, porque o nosso trabalho de assistência desta noite foi quase um desastre total...

– Nossa, Breno, foi tão desagradável assim?

– Sim, Manoel. Obviamente, os nossos orientadores, que têm maior elevação moral e conhecimento aprofundado e prático nos assuntos relativos à influenciação, amenizarão em muito as minhas colocações, mas...

Resumindo: eu e o David chegamos à casa espírita no horário acertado pela professora Maria e com a equipe espiritual encarregada da atividade que faríamos parte: uma palestra pública. Ficou ao nosso encargo o serviço inspirativo do expositor da noite, convidado que fora pelo presidente da instituição onde fomos alocados. Tão logo o jovem adentrou o salão de

palestras, o dirigente responsável pelos trabalhos virou-se para o subcoordenador, que se encontrava ao seu lado, fazendo comentários depreciativos não somente sobre o centro espírita, de onde o orador provinha, como também sobre a pouca idade e a vestimenta do rapaz.

– Como assim? – perguntei curioso.

David interveio respondendo a minha questão:

– Pois é, Luiz Carlos, ele que, na posição de dirigente, deveria ser o nosso sustentáculo no plano físico, posicionava-se completamente contrário ao orador, estimulando, além disso, o outro membro da sua equipe no envio de vibrações desestimulantes, comprometendo a sustentação como um todo.

– Como vocês procuraram resolver a situação? – voltou a questionar Manoel.

– Pedimos imediata intervenção do responsável pelas atividades na nossa dimensão, no que fomos atendidos imediatamente, com as orientações para que tanto eu quanto o Breno nos envolvêssemos somente com a sustentação do expositor, que já era conhecido de parte do público tendo por ele profundo carinho. Contudo, as vibrações contrárias continuavam a ser emitidas pelos dois trabalhadores, porque o jovem trajava-se de forma mais despojada, com uma calça e camisa social, porém, sem paletó e gravata.

– Mas o que eles esperavam?

– Que o expositor estivesse em traje social completo, tal qual como eles se apresentavam. No entanto, verificamos que o rapaz era muito simples e desprovido de recursos financeiros, o que o impossibilitava de apresentar-se em trajes mais sofisticados. Mas o subcoordenador aproximou-se dele dizendo que, na próxima oportunidade, se convidado, ele deveria trajar-se convenientemente.

– Pelo que vejo, a vestimenta estava acima da importância da palestra. O orador até poderia ser desprovido de conteúdo, mas se estivesse finamente trajado seria suficiente – disse Manoel conseguindo tirar sorrisos dos nossos abatidos amigos.

David continuou:

– Deveríamos ter considerado o trabalho em si, dando o foco na nossa proposta; porém, apesar de os amigos do nosso plano isolarem energeticamente os deselegantes anfitriões, dando-nos

a oportunidade de exercermos a influência e a sustentação ao expositor, tanto eu como o Breno nos deixamos envolver pelas caras e bocas que eram apresentadas por ambos em relação ao jovem, a ponto de sermos substituídos na tarefa, por não cumprirmos com o que nos era designado.

Aconteceu assim: um dos amigos da equipe espiritual solicitou gentilmente a possibilidade de nos substituir, envolvendo o voluntário da palavra que, preparado como se encontrava e completamente voltado aos interesses em levar consolo e informação para o público presente, foi simples, objetivo e ao mesmo tempo brilhante em sua palestra, sendo aplaudido demoradamente e em pé ao final, para maior desconforto dos dois participantes contrários ao sucesso do evento.

– David, Breno, peço que vocês não fiquem tão abatidos...

– Difícil não ficar, Luiz Carlos... – disse Breno.

– Eu e o Manoel tivemos uma experiência bem-sucedida esta noite, mas experimentamos algo semelhante numa atividade anterior, tendo de ser também socorridos pelo dirigente e equipe responsável da nossa dimensão. Vejo esses incidentes, apesar de desagradáveis, como algo desnecessário por parte dos envolvidos, que a rigor deveriam estar mais preparados, dado o conhecimento evangélico de que dispõem, como verdadeiras oportunidades de treinamento efetivo para nós, concordam?

Senti que os dois amigos ficaram um pouco mais animados. David tomou a palavra e, querendo dar o assunto por encerrado, para não prosseguirmos com interpretações desnecessárias, disse:

– Bem, fazer o quê? É a parte que nos cabe nos testes de paciência. Sequer consigo imaginar o que deveria ser na época de Jesus, quanto à resistência relativa ao seu Evangelho.

– Você disse tudo, David: simplesmente inimaginável! O que enfrentamos hoje, comparado com Jesus e os demais missionários que continuam sendo enviados pelo nosso Mestre, depois de sua passagem pelo planeta, é brincadeira de criança – disse Manoel estimulando novamente o bom humor de todos nós.



## INTERESSANTES CONSTATAÇÕES

AS SEMANAS SE sucederam com as nossas aulas teóricas e práticas transcorrendo normalmente, aumentando sobremaneira a experiência de todos os alunos no trato da inspiração aos oradores das casas espíritas assistidas. Com o transcorrer dos eventos, passamos a receber antecipadamente um pequeno reporte, focado em usos e costumes do expositor ou orador com o qual trabalharíamos em conjunto, para que as nossas atividades tivessem um número cada vez maior de acertos.

Mesmo assim questionei o doutor João Carlos do porquê de não recebermos esses mesmos relatórios quando do início das nossas visitas, sendo informado, então, que o fato de nos depararmos com o imprevisto fazia parte das nossas experiências, uma vez que estávamos diante de problemas de menor monta. A mudança estratégica, à medida que crescíamos em nossas práticas, contemplava, pois, casos mais delicados.

Não demorou para vivenciarmos essas situações anunciadas pelo ilustre pedagogo. Com efeito, ele nos enviou para uma reunião de terapia destinadas aos nossos irmãos desencarnados em profundo desequilíbrio no

terreno da vingança, conhecida, muitas vezes, como assistência desobsessiva.

Eu, o Manoel, o Breno e o David desembarcamos diante de uma instituição que ainda não tivéramos a chance de conhecer e logo fomos atendidos pelo mentor responsável pelo trabalho na nossa dimensão, o qual se apresentou como Duílio.

Nosso companheiro de serviço era muito jovem, beirando no máximo dezoito anos de idade, mas que irradiava uma atmosfera de paz e de seriedade que contrastava de imediato com a sua aparência. Notando a nossa surpresa – na minha opinião, Duílio literalmente tinha lido os pensamentos de nós todos –, ele não se fez de rogado e esclareceu:

– Amigos, para mim também foi uma agradável constatação conhecer o que a mente preparada produz na nossa organização perispirítica. Desencarnei há cerca de cinquenta anos, já em idade avançada, mas, quando me vi neste lado da vida, apresentava-me como um jovem recém-saído da adolescência. Claro que a minha primeira reação foi a de completa surpresa, como já disse; mas quando fui recepcionado na colônia para a qual me designaram, um dos responsáveis informou-me que a minha maneira de viver, sempre voltada para os aspectos positivos da vida, tinha ocasionado tamanha alteração.

O momento não era para indagações desnecessárias ao dirigente, mas, entre nós, nos entreolhamos curiosos. Mas isso se dispersou momentaneamente, tão logo fomos conduzidos para a pequena sala de espera, onde aguardaríamos a chegada dos trabalhadores do plano físico. Enquanto Duílio dava as últimas orientações para o início das nossas atividades, tivemos a oportunidade de abordar um dos companheiros da nossa dimensão, para sabermos um pouco mais sobre aquele jovem que nos surpreendera pela aparência. Apesar de sabermos que a mente produz verdadeiras maravilhas nas almas que exercitam o amor, estávamos diante de um caso concreto e não perderíamos a oportunidade da análise.

O senhor que nos atendeu apresentou-se como Elias que, de forma simpática, nos esclareceu:

– Duílio provem de esfera mais elevada que esta em que estagiamos no

momento. Foi um trabalhador incansável nesta casa enquanto se encontrava reencarnado, com a responsabilidade de picotar o cartãozinho de controle dos assistidos que são recebidos para as assistências especializadas.

Todavia, se a simplicidade do trabalho era demonstrada no plano físico, porque o nosso dirigente tinha, para os olhos do vulgo, apenas a função de porteiro, em contrapartida, na dimensão espiritual, todos que aqui operavam tinham conhecimento da elevação espiritual desse nosso irmão, que solicitou a possibilidade de exercitar-se na simplicidade do serviço em favor do próximo, uma vez que já havia conquistado posições de maior relevância em outras existências, em funções beneméritas junto às sociedades em que se encontrou reencarnado. Porém, como vocês puderam notar, a humildade é a sua marca registrada.

Não contive a minha curiosidade e indaguei:

– Mas, Elias, com tamanha elevação do Duílio, por que estamos com o encargo da inspiração do expositor da noite? Confesso que, para mim pelo menos, não faz muito sentido...

– Luiz Carlos, a nossa equipe conta com inúmeros trabalhadores nos dois planos da existência, como vocês constatarão nos próximos minutos, quando todos estiverem reunidos. No entanto, alguns deles apresentam certos problemas, como é comum na vida de cada pessoa. Se não fosse a presença iluminada de Duílio entre nós, perderíamos em muito em relação à sustentação, porque ele é um verdadeiro farol de luz para todos. Conforme sabemos, nem Jesus prescindiu do trabalho em conjunto, pois o grupo acaba sustentando aqueles que se mostram transitoriamente mais frágeis.

As explicações fornecidas pelo nosso irmão Elias tinham uma tônica simples, porém, extremamente oportunas para as nossas observações e aprendizado. Mas infelizmente a nossa conversação teve de ser interrompida, porque a chegada dos demais voluntários indicava a necessidade de darmos início às nossas atividades.



## AJUDA-TE

DUÍLIO RETORNOU PARA a prece em conjunto com o dirigente dos trabalhos na dimensão física. Ambos se associaram mentalmente na condução da belíssima rogativa e, na medida em que ela se desenvolvia, recebíamos do Alto verdadeira chuva de flocos dourados, que eram assimilados pela organização perispirítica dos trabalhadores dos dois planos da vida.

Encerrada a preparação, os voluntários foram distribuídos para as suas respectivas tarefas. Duílio, então, aproximou-se do nosso pequeno grupo informando:

– Amigos, o nosso Elias vai acompanhá-los para o serviço junto aos dois expositores que se encontram prontos para o início das nossas atividades; enquanto isso, vou monitorar o atendimento fluidoterápico. Agradeço, em nome de Jesus, a colaboração, esperando que vocês obtenham o máximo de aproveitamento.

O dirigente retirou-se, enquanto Elias, prestimoso, se encarregava de nos colocar junto aos dois jovens expositores com os quais nos encarregaríamos do serviço inspirativo.

A palestra evangélica seria dividida, porque o número de assistidos era significativo. Dessa forma, até que todos fossem atendidos na câmara fluidoterápica, os oradores podiam se revezar, já que o trabalho teria aproximadamente duas horas de duração, cabendo uma hora de palestra a

cada um deles.

Eu e Breno iniciariamos com o primeiro orador, também fazendo um serviço em conjunto. Meu colega se encarregaria da ação inspirativa direta, ao passo que a minha posição seria a da sustentação. Nossas mentes ligadas ao orador, caso a sintonia alcançasse bom termo, auxiliariam ativamente no processo, com verdadeira troca de ideias. Quanto ao Manoel e David, eles se encarregariam da segunda parte, apoiando vibratoriamente o outro expositor.

Antes que iniciássemos a tarefa, notamos que Elias ocupou-se em envolver o expositor que atuaria logo em seguida em energias magnéticas um tanto mais acentuadas, criando uma verdadeira redoma em torno do voluntário. Demonstramos certa dose de interesse no fato; contudo, o momento não era propício para indagações e, assim, demos início ao serviço proposto.

Não encontramos qualquer dificuldade em relação ao nosso colega de trabalho, que se abriu mentalmente favorecendo a nossa atuação. Éramos, com efeito, em determinados instantes, a estação emissora e receptora ao mesmo tempo.

O jovem, muito bem preparado no assunto que estava sendo desenvolvido, dava-nos a chance de lhe sugerir determinados acréscimos, pois, em determinados instantes, ele dizia mentalmente para si mesmo desconhecer o ponto que estava sendo tratado. Num átimo, procurava se recordar em qual livro ou estudo realizado se encontrava determinada informação. Mas o que de fato ocorria era a plena sintonia com o Breno, que procurava agregar ao conhecimento do expositor determinados aspectos adquiridos por ele próprio em seus estudos e pesquisas em nossa dimensão.

Estranhamente, o outro orador, que deveria ser parte da sustentação vibratória, mantinha-se isolado pela assistência prestada por Elias até o instante que lhe foi passada a palavra. Em breve constatamos o que acontecia.

De fato, Manoel e David não encontraram a mesma facilidade que nós na operação, porque o jovem orador, quando foi desfeita a proteção que o envolvia, iniciou a sua fala com certa insegurança frente ao público. Seus pensamentos demoraram a se alinhar aos emitidos pelos dois amigos da minha dimensão, oferecendo algumas resistências, as quais se tornavam,

algumas vezes, exaustivas, interferindo no êxito da ligação mental dos trabalhadores dos dois planos.

Contudo, quando encerrou a exposição, Elias, aproximando-se do nosso grupo, disse que considerava satisfatória a atuação do servidor, dada as circunstâncias em que ele se encontrava. Suas colocações, como era de se prever, aguçaram o nosso interesse em aprender e, assim, o nosso companheiro atendeu-nos de imediato, informando:

– Esse nosso irmão, que apresentou visível dificuldade, luta para manter-se dentro do equilíbrio e da vigilância dos seus pensamentos. É um valoroso trabalhador, porque talvez outro, na sua posição, já teria largado a tarefa.

Breno, o mais curioso da turma e também o nosso real porta-voz, não resistiu e questionou:

– Por que exatamente, Elias?

– Jorgito, esse é o nome do rapaz, que hoje deve estar na faixa dos trinta e cinco anos, sofre de um processo obsessivo de longo curso. Tem dois companheiros que, apesar de estarem um tanto mais tranquilos de um tempo para cá, não abrem mão de o afastar do caminho de iluminação.

Esses nossos irmãos que o perseguem tinham grande ligação vampirizadora na vida desregrada que o nosso jovem expositor levava antes de mudar literalmente de rumo. Era costume, até alguns anos atrás, Jorgito reunir-se com os amigos em barzinhos, não somente embebedando-se, mas incluindo outras substâncias, que lhe alteravam significativamente as questões de natureza moral, levando-o a se envolver com várias moças infelizes, que se rendiam às aventuras.

– Que bênção foi essa que alterou tão significativamente a vida do rapaz, Elias? – perguntou Manoel.

– Numa de suas tantas peripécias, sem os cuidados devidos e com a sua sexualidade completamente desvalorizada, ele terminou por contrair o vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida ou da AIDS, como também é conhecida. Tão logo ele tomou ciência, por meio de um exame de sangue de rotina na companhia onde trabalha, entrou em estado de choque. Mas, ao contrário de deprimir-se, piorando sensivelmente o quadro, dado que isso abriria as portas para a ação do vírus, em virtude do comprometimento do seu sistema autoimune, ele buscou o socorro nesta casa, por indicação de

um dos seus colegas de trabalho que é espírita de berço. O colega, agindo com extrema discrição, porque sabemos do preconceito que infelizmente ainda grassa entre muitos na sociedade, convidou-o para o tratamento espiritual, unindo-o, obviamente, à terapia médica necessária.

– Então, a assistência espiritual recebida não conseguiu solucionar os problemas envolvendo o processo obsessivo? – perguntei.

– O problema remonta a outras existências, meu caro Luiz Carlos. Jorgito vem de há muito na companhia de um grupo que se esbaldava nos desregramentos sexuais, sempre regados a bebidas e drogas. Esses nossos infelizes companheiros foram os que ainda não despertaram, mas os outros se afastaram ou assimilaram o Evangelho do Cristo pelo processo simples de exaustão, porque sabemos que somos frutos do amor e para ele retornaremos, demore o tempo que for!

– É incontestável, Elias. Quando nos encontramos fora do nosso eixo central, que são os nossos potenciais divinos, terminamos por nos exaurir de tal maneira que retornamos para o seio do Criador, seja pelo processo do amor, que é a conscientização da criatura, ou pelo da dor – complementou David.

– Excelente observação! E é isso o que verificamos ao vivo com o nosso irmão Jorgito. A doutrina entrou de tal forma na sua vida que ele se candidatou aos estudos, dedicando-se aos cursos doutrinários propostos nesta casa. Por ser desinibido, dedicou-se aos estudos, tornando-se evangelizador.

Contudo, esses dois companheiros que o obsidiam à distância, através das correntes mentais que sabemos ser poderosas, sentem-se traídos pela deserção do rapaz e continuam forçando o seu retorno à vida de prazeres fugidios. Logicamente, acabarão por melhorar-se, pela influência positiva que Jorgito exerce, ou se afastarão dele em definitivo.

– Nem sempre é tão simples a solução desses casos, não, Elias? – retornei ao questionamento.

– Tem razão. Para adquirirmos o acumpliciamento muitas vezes é fácil; mas uma vez na malha, ficamos na posição da ave indefesa, que pretende voltar a voar, porém, tem as asas cortadas. Ainda assim, Jorgito vem se esforçando,

e as medidas preventivas da nossa parte, com o isolamento proporcionado, conforme pôde ser observado por vocês, facilita-lhe o desligamento com as mentes desequilibradas que insistem em lhe tirar a tranquilidade e influência na lavoura do bem. Esse auxílio o fortalece cada vez mais, oferecendo, ao mesmo tempo, a possibilidade de regeneração aos irmãos perseverantes na instabilidade de sentimentos e emoções em que vivem. Notem, meus amigos, como é transparente em nossas vidas o auxílio divino: “Ajuda-te que o céu te ajudará.”

Todos concordaram com o nosso novo amigo, o qual, em seguida, nos convidou para nos reunirmos com o dirigente e demais trabalhadores, a fim de acompanharmos o encerramento das atividades, das quais, aliás, sairíamos satisfeitíssimos pelo aprendizado.



## SERVIR COM JESUS

O TEMPO TRANSCORREU velozmente. Quando já estávamos nos habituando ao programa estabelecido pelo curso, com as aulas teóricas e práticas, vivenciando as mais diversas e inusitadas situações, o nosso treinamento terminou. Nossos professores solicitaram, então, que as três turmas de alunos se reunissem no amplo salão da instituição-escola.

A ocasião se fez e, nesta oportunidade, a mesa estava composta por todos os participantes que tiveram a responsabilidade da nossa orientação: professores, auxiliares e alguns mentores responsáveis pelas casas espíritas que visitávamos com maior frequência.

O clima era de verdadeira festa. Entre os alunos, era grande o burburinho promovido pela troca de informações ou pelos comentários sobre certas passagens, por vezes desastrosas, recordadas com humor, em virtude da nossa falta de experiência na ocasião.

Quando o doutor João Carlos adentrou o ambiente, o silêncio se fez de forma automática. Ele, com a calma que lhe era característica, convidou-nos à prece inicial, que foi regada de profunda emoção, com imagens projetadas mentalmente pelo querido facultativo, nos remetendo, por momentos, às passagens de Jesus pelo planeta, especificamente quando o Mestre se encontrava sobre um barco no lago de Genesaré ensinando à multidão sequiosa em ouvir a palavra do mensageiro divino. A emoção se fez de tal

maneira que era simplesmente impossível conter as lágrimas de alegria verdadeira e profunda.

Em seguida, o nobre mentor agradeceu a todos os presentes, destacando o esforço realizado pelos alunos, professores e assistentes, além da colaboração efetiva dos dirigentes das casas espíritas que estavam presentes. Em tom muito amoroso, que procuramos aqui transcrever respeitando as nossas limitações, disse ele:

– Irmãos em Cristo Jesus, sabemos da dedicação empregada por todos aqueles que se ofereceram ao serviço junto aos nossos companheiros que mourejam no corpo material e se candidataram como servidores na seara do Mestre, na posição de oradores ou de expositores da doutrina renovadora.

Louvo a responsabilidade que cada um de vocês empreendeu no trabalho inspirativo desses nossos irmãos, que lutam com as suas dificuldades no plano terreno, assim como, por nossa vez, também continuamos na luta de aperfeiçoamento, uma vez que a morte não santifica quem quer que seja, tampouco nos retira as responsabilidades assumidas, sejam elas positivas ou negativas.

Como nobre tarefa, destaco todo e qualquer trabalho em favor do bem, uma vez que a nossa responsabilidade frente à evolução é a de continuarmos exercitando em nós os potenciais divinos que trazemos, estimulando os nossos semelhantes a encontrarem também o caminho redentor. Quanto às questões de inconsciência, que classificamos como negativas, elas são, na verdade, fruto da total ignorância sobre nós mesmos, sobre o que somos, filhos de Deus e conseqüentemente irmãos uns dos outros. Não compreendendo, por vezes, essa realidade, desrespeitamos o nosso próximo, adquirindo compromissos desnecessários. Porém, como nada se perde diante da bondade do Criador, os enganos nos servem de lição, de provação ou mesmo de expiação. Por sermos ainda os garotos impacientes diante do fruto que não se encontra sazonado, experimentamos, então, a infelicidade que nos desperta e nos direciona para novos caminhos.

Estamos juntos na obra de reformulação interior com vistas à regeneração que se iniciou no planeta e que, tal como sabemos, não será estancada tampouco sofrerá regressão, apesar de assistirmos, em determinadas ocasiões, a atitudes não condizentes com as conquistas realizadas pela

sociedade planetária no quesito 'solidariedade'. É sabido que a evolução não apresenta igualdade, mas sim similaridade, e é aí que residem os desafios que se apresentam para todos nós.

Irmãos, servidores da causa do bem em Jesus, eu os saúdo pelo esforço realizado nos estudos empreendidos, aqueles que vezes sem conta pude acompanhar; saúdo pelos trabalhos de pesquisas realizadas por todos os que estão aqui presentes preparando os temas que seriam apresentados pelos oradores e expositores. Pelo pensamento, trabalhamos em conjunto e dividimos com nossos irmãos oradores a responsabilidade das apresentações realizadas no plano terrestre, pois que não ficam somente ao encargo desses tarefeiros. Vale lembrar que os companheiros espirituais que os assistem são como eles: estudantes do Evangelho do Senhor.

Enganam-se aqueles que creem trabalhar sozinhos na Seara do Mestre, porque onde houver um interessado em levar um pouco de luz ao seu semelhante, Jesus ali estará, na figura de um dos seus incontáveis representantes ainda em esforço de aprimoramento, como é o caso de todos nós.

Estou profundamente feliz e partilho da alegria de todos pelo voluntariado. A partir deste momento, depois de adequadamente orientados pela equipe de servidores da nossa instituição, com os quais encontraram, como sempre, a postura responsável para o serviço, classifico-os como mentores aptos ao trabalho inspirativo. A partir de hoje, estaremos formando e designando as equipes para o trabalho em conjunto aos nossos irmãos que desbravam o Evangelho no solo planetário.

Deus abençoe a disposição em servir como representante do Cristo, visando também à nossa melhoria, na oportunidade de sermos úteis ao nosso semelhante. Que Jesus possa nos conceder mais trabalho, para que a nossa existência, sendo produtiva, louve o Criador!

Paz em Cristo!

A emoção era a tônica da nossa reunião, não apenas pela questão das despedidas entre colegas, professores e demais orientadores, mas, acima de qualquer coisa, pela bênção em poder continuar no serviço ativo com Jesus.

FIM





Esta edição digital foi convertida com base na primeira edição. O texto foi composto em Goudy Old Style 12/15 e o título em Perpetua Titling MT 24/30. Cássia Anselmo e Gisele Montilha realizaram a revisão do texto. André Stenico elaborou a programação visual da capa e o projeto gráfico do miolo.

Abril de 2021